

## PHILIPP JAKOB SPENER – PAI DO PIETISMO PROTESTANTE

Claus Schwambach\*

Neste ano de 2005, comemoramos os 300 anos da morte daquele que foi denominado de “Pai do Pietismo”, Philipp Jakob Spener. Rememorar tal data em contexto brasileiro é de suma importância, não apenas porque os impulsos de reforma eclesial, propostos por Spener, continuam a ser de extrema relevância para nossos dias. Mas também pelo fato de o movimento do Pietismo, do qual Spener é considerado “Pai”, ter se tornado, no transcorrer da história, em uma das correntes de espiritualidade, teologia e vitalidade missionária de maior impacto em toda a história da igreja cristã.

O presente estudo propõe-se a resgatar aspectos importantes da vida e da obra de Spener, sob o pano de fundo de uma breve apresentação do Pietismo em seus traços mais gerais.<sup>1</sup> Isso se faz necessário pelo fato de o movimento do Pietismo protestante, embora presente em diferentes partes do mundo até a atualidade, sempre de novo ter sido objeto de imagens controversas na história da pesquisa histórica a seu respeito. Portanto, pretende-se, neste estudo, confrontar o leitor com algumas dessas imagens, visando a corrigir eventuais distorções e a apresentar perspectivas mais amplas, de acordo com os resultados das pesquisas mais recentes.

---

\* Claus Schwambach (Dr.) é professor de teologia histórico-sistemática e Diretor Geral da Faculdade Luterana de Teologia – FLT, em São Bento do Sul (SC) e coordenador da linha de pesquisa “História e Teologia do Protestantismo”.

<sup>1</sup> Há relativamente poucas obras em língua portuguesa que tratam desse assunto de forma abrangente. Por isso, utilizaremos algumas das obras clássicas sobre o tema, em língua alemã.

## I. INTRODUÇÃO GERAL AO PIETISMO PROTESTANTE

O movimento do *Pietismo* possui uma história de mais de 300 anos. No transcorrer desse período, ele teve sempre de novo enfoques diferentes, razão pela qual não é possível falar “do Pietismo” como se fosse uma grandeza simples e fácil de definir, um bloco monolítico. Desde os primórdios de sua história, uma série de pessoas, grupos e instituições afirmaram pertencer ao Pietismo. Cedo houve cisões, rupturas e separações dentro do próprio movimento, a exemplo da separação entre o Pietismo eclesiástico e o assim chamado “Pietismo radical”, que se separou da igreja constituída. Portanto, o Pietismo não é uma grandeza homogênea.<sup>2</sup>

Ainda assim, o *Pietismo clássico* sempre foi um movimento eclesiástico, tendo nas pessoas de Philipp Jakob Spener (Frankfurt), August Hermann Franke (Halle)<sup>3</sup>, Graf Ludwig von Zinzendorf<sup>4</sup> e Johann Albrecht Bengel (Württemberg)<sup>5</sup> os seus representantes principais, em cujas vidas e obras o Movimento de Avivamento do séc. XIX (*Erweckungsbewegung*) pôde, mais tarde, fundamentar-se.

O Pietismo atual se apresenta de multiformes modalidades e com diferentes enfoques. Ele reúne as *Gemeinschaften* (Movimentos de Comunhão) na tradição do *Altpietismus* (Pietismo Antigo), as *Gemeinschaften* (Movimentos de Comunhão) na tradição dos Movimentos de Avivamento e do Movimento de Gnadau, alianças supra-eclesiásticas e supra-denominacionais (por exemplo, a *World Evangelical Alliance*), comunidades religiosas (Diaconias de Aidlingen ou Adelshofen - Alemanha), igrejas livres etc. O Pietismo está presente, entre outros, na Europa, em muitos países asiáticos – na forma de novas igrejas surgidas do trabalho das entidades missionárias

<sup>2</sup> Cf. Traugott MESSNER. *Die Bewegung des Pietismus in Geschichte und Gegenwart*. In: Hartmut Schmid (Ed.). *Was will der Pietismus? Historische Beobachtungen und aktuelle Herausforderungen*. Beiträge aus dem Albrecht-Bengel-Haus. Tübingen. Wuppertal: Brockhaus Verlag 2002, p. 7-34. Seguimos, em nossa exposição, o esquema de tópicos apresentado por esse autor. Todas as citações encontradas no texto são de tradução do autor desse artigo.

<sup>3</sup> Cf. Erich BEYREUTHER. *Geschichte des Pietismus*. Stuttgart: Steinkopf Verlag 1978, p. 123-176.

<sup>4</sup> Cf. Erich BEYREUTHER. *Geschichte des Pietismus*, p. 177-288. A teologia de Zinzendorf (jovem) é apresentada na monografia de Leiv AALEN. *Die Theologie des Jungen Zinzendorf*. (Arbeiten zur Geschichte und Theologie des Luthertums, 16). Berlin: Lutherisches Verlagshaus Herbert Renner 1966, p. 416

<sup>5</sup> Cf. A biografia de Karl HERMANN. *Johann Albrecht Bengel. Der Klosterpräzeptor von Denkendorf*. 2. ed. Stuttgart: Calwer Verlag 1987, 488 p.

pietistas – e também no Brasil (Movimento Encontrão e a Missão Evangélica União Cristã (MEUC) na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, além de estar presente em outras denominações evangélicas).

### 1. O que é “Pietismo”?

Um dos grandes pesquisadores do Pietismo é Johannes Wallmann.<sup>6</sup> Na busca por uma resposta à pergunta em epígrafe, ele recorre a um diálogo entre Otto von Bismarck e o Príncipe Wilhelm (Kaiser Wilhelm I), registrado na obra de Bismarck, intitulada *Gedanken und Erinnerungen* (Pensamentos e Recordações), de 1853. Neste diálogo entre Wilhelm e Bismarck, o príncipe menciona ter conhecido alguém que diz ser um “pietista”, chamado General Gerlach. A partir disso, a seguinte conversa tem lugar:

Bismarck: “O que a Vossa Alteza Real Eterna entende ser um pietista?”

Wilhelm: “Uma pessoa que vive em hipocrisia religiosa para fazer carreira”.

Bismarck: “Disso o Gerlach está longe... No uso lingüístico de hoje, entende-se por pietista algo diferente, a saber, uma pessoa que crê de modo ortodoxo na revelação cristã e não faz mistérios em torno de sua fé...”.

Wilhelm: “O que o Senhor entende por ortodoxo?”

Bismarck: “Por exemplo, alguém que crê seriamente que Jesus é filho de Deus e que ele morreu por nós como um sacrifício para o perdão dos nossos pecados. No momento, eu não consigo formulá-lo de forma mais precisa, mas isso é a essência da diferença na questão da fé”.

Wilhelm: “Mas quem é tão afastado de Deus, que não creria nisso?”

Bismarck: “Se essa sua declaração fosse tornada pública, então até mesmo a Vossa Alteza Real Eterna seria contada entre os pietistas”.<sup>7</sup>

Nesse diálogo, vemos, de forma exemplar, dois conceitos de Pietismo que encontramos sempre de novo na história: o Príncipe Wilhelm defende o clichê do pietista como sendo um hipócrita com aparência de piedade. Já Bismarck defende a compreensão de que o pietista é um cristão com fé ortodoxa, cuja fé está fundamentada firmemente na Bíblia.

Outra definição do Pietismo, muito difundida na pesquisa, é aquela que foi defendida por Walter Nigg, na metade do séc. XX: “Há muitos pre-conceitos contra o Pietismo. Incrimina-se o mesmo por ser [uma espiritualidade] doce e melosa, usar uma linguagem de Canaã artificial e uma

<sup>6</sup> Johannes WALLMANN. *Was ist Pietismus?* In: PuN vol. 20. Vandenhoeck & Ruprecht: Göttingen 1995, p. 11-27.

<sup>7</sup> Johannes WALLMANN. *Was ist Pietismus?*, p. 11s.

postura estreita e de fuga em relação aos bens culturais. A rejeição meticulosa das ‘coisas intermediárias’ [pensa-se aqui em coisas que, em si mesmas, não são pecados, mas que podem conduzir ao pecado, como dançar, ir ao teatro etc.] atesta o seu medo, que ele não venceu pela fé. O esquema de conversão unilateral com a compulsiva luta de arrependimento revela o desequilíbrio do movimento, que com sua ênfase no legalismo, às vezes, dá a impressão de ser um farisaísmo cristianizado. O orgulho espiritual, que muitos representantes possuem debaixo da máscara da humildade que apresentam publicamente, contribuiu muito para a sua má fama”.<sup>8</sup>

Lamentavelmente, na pesquisa científica, muitas vezes prevalece uma compreensão mais negativa da piedade pietista. Ainda assim, correções têm sido sugeridas, revelando não apenas as sombras, mas também as virtudes desse movimento vigoroso do Protestantismo.

## 2. Quem é um Pietista?

Uma das formulações clássicas, positivas, do que vem a ser um pietista, encontra-se na seguinte frase, de J. Feller (1689), provavelmente a mais antiga das definições:

*“Es ist jetzt stadtbekannt der Name der Pietisten. Was ist ein Pietist?*

*Der Gottes Wort studiert*

*und nach demselben auch ein heilig Leben führt.”*<sup>9</sup>

Tradução:

*“Agora se tornou conhecido por toda a cidade o nome dos Pietistas. O que é um Pietista? É alguém que estuda a Palavra de Deus e conduz uma vida santa de acordo com a mesma!”*

Essa designação surgiu a partir da observação das pessoas que viviam em torno de Philipp Jakob Spener (1635-1705) e de August Hermann Franke (1663-1727). Spener, ao tomar conhecimento dessa estrofe que Feller dedicou a um membro falecido do *Collegium Philobiblicum* de Leipzig, nunca quis reconhecer essa designação. Contudo, a partir dali o uso dessa designação se impôs, tanto junto aos defensores quanto junto aos críticos do Pietismo. Embora já antes de Spener (a partir de 1600) se deixem registrar uma série de manifestações de pessoas contra o espírito frio da Ortodoxia protestante, é apenas a partir de Spener que o termo “Pietismo” passará a ter um significado restrito a um determinado período.

<sup>8</sup> Walter NIGG. *Das ewige Reich, Geschichte einer Hoffnung*. Zürich 1954, p. 236s.

<sup>9</sup> Citado conforme Traugott MESSNER, op. cit., p. 10.

No verso de Feller, podemos identificar uma série de elementos que aparecerão sempre de novo mais tarde. Pietistas são pessoas que não só se preocupam em crer na justificação dos pecadores, mas também se empenham por uma vida na santificação, na luta diária contra o pecado e na condução de uma vida consciente a partir da direção de Deus. Segundo Johann Arndt, autor de obras clássicas de edificação daquele período, o viver santo se mostra, acima de tudo, na dependência da força do Espírito Santo. Já o pietista reformado, Gerhard Tersteegen, escreveu em uma poesia: *“Geht's der Natur entgegen, so geht's gerad und fein, die Fleisch und Sinnen pflegen, noch schlechte Pilger sein”*.<sup>10</sup> Tradução aproximada: “Se [a vida] vai contra a natureza, então ela é correta, aqueles que cultivam a carne e os sentidos, são maus peregrinos”. Nesse sentido, a piedade pietista possui também como característica a negação de impulsos egoístas e carnis do ser humano, contra os quais é declarada uma luta. A característica mais importante é, contudo, a insistência na conversão e no novo nascimento. Além disso, transparece, na definição de Feller, outro elemento imprescindível da identidade pietista: o estudo e a leitura da Bíblia como autoridade inquestionável sobre a vida pessoal. O empenho pela santificação conduziu, cedo, à formulação de linhas claras em questões éticas nas áreas do matrimônio, da educação, bem como da vida econômica e política.

O pesquisador do Pietismo, Martin Schmidt, procurando sintetizar as diversas tendências do Pietismo, ou seja, procurando resumir tanto o empenho pela vida íntima da pessoa com Deus como o empenho pela mudança da sociedade a partir da Palavra de Deus, cunhou a seguinte fórmula, que poderia caracterizar o Pietismo: *Weltverwandlung durch Menschenverwandlung* (Transformação do mundo por meio da transformação da pessoa).<sup>11</sup>

Se quisermos entender o Pietismo, é necessário observar que ele tem raízes, principalmente, na Reforma, constituindo-se como reação à inerte prática da Ortodoxia e se desenvolvendo em uma série de etapas históricas.

## 3. Raízes históricas do Pietismo<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Cf. *Evangelisches Gesangbuch* de Württemberg (Alemanha), hino 393, estrofe 3.

<sup>11</sup> Citado conforme Traugott MESSNER, op. cit., p. 11.

<sup>12</sup> Cf. Johannes WALLMANN. *Der Pietismus*. (Die Kirche in ihrer Geschichte, vol. 4,01). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1990, p. 7-35. Encontramos também uma exposição detalhada dos precursores do Pietismo em: a) Erich BEYREUTHER. *Geschichte des Pietismus*. Stuttgart: Steinkopf Verlag 1978, p. 13-60. O autor menciona, entre outros, os seguintes precursores, nem todos arrolados em nosso estudo: Kaspar Schwenckfeld von Ossig [1489-1561] (op. cit., p. 15s), Valentin Waigel [1533-1588] (op. cit., p. 16), Philipp

### 3.1 A Reforma

Philipp Jakob Spener, pastor e teólogo luterano, é visto oficialmente como o fundador do Pietismo. A partir de sua obra, torna-se evidente que o Pietismo está fundamentado na teologia da Reforma – no caso de Spener, luterana; mas, em outros casos, também na reformada. A justificação por graça e fé é também a base da confissão de fé de um pietista.<sup>13</sup> No tempo em que Spener atuou em Frankfurt, ele recebeu a incumbência de escrever um comentário bíblico a partir dos escritos de Lutero. Esses estudos marcaram profundamente a sua vida, fazendo dele um profundo conhecedor de Lutero.<sup>14</sup> Segundo a pesquisa, há dois elementos que o Pietismo deve a Spener: a) o contínuo elo com a Igreja Luterana; b) a fundamentação na Reforma de Martinho Lutero.<sup>15</sup>

Ao propor os *collegia pietatis*, em sua obra clássica (*Pia Desideria*), Spener remete ao próprio Lutero, para o Prefácio da Missa Alemã de 1526. Lá Lutero fala que aqueles que querem ser cristãos sérios podem reunir-se em torno da Palavra de Deus para se fortalecerem mutuamente.<sup>16</sup> Da mesma forma, o Prefácio de Lutero à Carta aos Romanos pode ser visto como a *magna charta* do Pietismo, pois lá Lutero afirma:<sup>17</sup> a fé é “uma obra divina em nós, que nos transforma e faz nascer de novo a partir de Deus (Jo 1.13) e mata o velho Adão, fazendo de nós pessoas bem diferentes no coração, na disposi-

---

Nicolai [1556-1608] (op. cit., p. 16s), Johann Gerhard [1582-1617] (op. cit., p. 18), Johann Arndt [1555-1621] (op. cit., p. 18s e 33ss), Jacob Böhme [1575-1624] (op. cit., p. 20-32), b) Dieter LANGE. *Eine Bewegung bricht sich Bahn. Die deutschen Gemeinschaften im ausgehenden 19. und beginnenden 20. Jahrhundert und ihre Stellung zu Kirche, Theologie und Pfingstbewegung*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt 1979, p. 12-45.

<sup>13</sup> “[Es] ist eindeutig, dass sich der Pietismus auf die reformatorische Theologie gründet und die Erkenntnis der Rechtfertigung allein aus Glauben die Grundlage des Glaubensbekenntnisses eines Pietisten ist”. Assim Traugott MESSNER, op. cit., p. 14.

<sup>14</sup> Assim E. BEYREUTHER. *Geschichte des Pietismus*. Stuttgart: Steinkopf Verlag 1978, p. 92.

<sup>15</sup> Assim E. BEYREUTHER, op. cit., p. 92. Encontramos amplas reflexões sobre a inalienável fundamentação do Pietismo na Reforma luterana, editada pelo pietista Kurt HEIMBUCHER (Ed.). *Luther und der Pietismus. An alle, die mit Ernst Christen sein wollen*. Dillenburg: Gnadauer Verlag; Giessen/Basel: Brunnen Verlag 1983. A obra apresenta uma análise do Tratado da Liberdade Cristã de Lutero (p. 11ss), bem como abordagens sobre os seguintes temas: Oração em M. Luther (p. 57-77), Justificação do ímpio (p. 78-100), Nova obediência (p. 101-119), Do servo arbítrio (p. 120-157), Palavra e Espírito (p. 158-169), O ensino de Lutero sobre os dois reinos (p. 170-195), Fé e Educação em Lutero (p. 196-213) e Pietismo e Reforma (p. 214-228).

<sup>16</sup> Cf. Traugott MESSNER, op. cit., p. 14.

<sup>17</sup> Cf. Heinrich BORNKAMM (Ed.). *Martin Luthers Vorreden zur Bibel*. 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1989, p. 182.

ção, nos sentidos e em todas as forças (cf. Dt 6.5)”.<sup>18</sup>

### 3.2 A mística

No Pietismo registram-se, embora de forma mais periférica, influências da mística, em especial de Bernhard de Clairveaux e de Johannes Tauler, *Theologia Deutsch*. Determinados representantes do Pietismo se encontravam sob tais influências, nem todas elas em conformidade com a confissão da Reforma. Também as influências da mística contribuíram para que, de uma ou outra forma, o Pietismo se tornasse em algo “novo” no período da Ortodoxia protestante.<sup>19</sup>

### 3.3 Impulsos do Puritanismo

Impulsos decisivos, o Pietismo também recebeu do Puritanismo inglês. A obra de John Bunyan e ainda de outros autores fez com que muitos se voltassem a uma vida mais devota a Deus e mais empenhada pelo autoconhecimento. Temas centrais dessa vertente de piedade são: a pecaminosidade do ser humano; a busca pela bem-aventurança eterna. Muitos cristãos, sob influência do Puritanismo, escreviam diários, nos quais registravam as intervenções de Deus em suas vidas.<sup>20</sup>

### 3.4 Impulsos de Johann Arndt

Cristãos mais sérios avaliavam a piedade da Ortodoxia como sendo superficial. No intuito de aprofundá-la, houve um empenho pela recepção de tradições de piedade da mística, do humanismo e da literatura da escolástica medieval. Isso também se aplica a Johann Arndt (1555-1621)<sup>21</sup> com a sua obra *Vier Büchern vom Wahren Christentum* (Quatro livros do verdadeiro cristianismo) e o livro de orações intitulado *Paradiesgärtlein voller christlichen Tugenden* (Jardim paradisíaco cheio de virtudes cristãs). Suas obras foram amplamente divulgadas até o século XIX, moldando gerações e sendo lidas por pessoas de todas as classes.<sup>22</sup> Arndt procurava mostrar um cristianismo

<sup>18</sup> WA DB 7,10-8. Prefácio à carta aos Romanos.

<sup>19</sup> Cf. Martin BRECHT. Art. *Pietismus*, in: TRE, vol. 26, p. 608; Erich BEYREUTHER, op. cit., p. 35ss.

<sup>20</sup> Cf. Traugott MESSNER, op. cit., p. 13ss.

<sup>21</sup> Cf. Erich BEYREUTHER, op. cit., p. 18ss.

<sup>22</sup> Erich BEYREUTHER, op. cit., p. 35: “[Diese Erbauungsbücher wurden] in den Hütten der Armen und in Bürgerhäusern, auf den Burgen und Schlössern [gelesen]”. Trad.: “[Estes livros de edificação] [eram lidos] nos casebres dos pobres e nas casas de burgueses, nas fortalezas e nos castelos”.

verificável, experimentável, interiorizado, que se dedica mais à ação e à vida cristãs do que ao mero saber da verdade. Arndt exigia arrependimento, autonegação e afastamento do mundo. Suas obras se estabeleceram como contra-peso à aridez doutrinária do período da ortodoxia e serviram de fonte de inspiração para muitos pais do Pietismo.

### 3.5 Principais representantes do Pietismo clássico

O Pietismo, cujas raízes foram acima apresentadas, em sua fase inicial é denominado, na pesquisa científica, de *Pietismo clássico*, sendo que seus principais representantes são:

- a) Philipp Jakob Spener (1635-1705), em Frankfurt;
- b) August Hermann Franke (1633-1727), em Halle;
- c) Johann Albrecht Bengel (1687-1752), em Württemberg;
- d) Nikolaus Ludwig Graf von Zinzendorf (1700-1760), em Herrnhut.

### 3.6 Observação; a separação entre Pietismo radical e Pietismo eclesial

Para quem estuda o Pietismo, é importante estar atento para a distinção entre o *Pietismo eclesial* e o *Pietismo radical*, separatista. O Pietismo eclesial se entende como movimento de reformas dentro da igreja constituída e tem por alvo atuar de forma inovadora e criativa dentro dessa igreja. Representantes do Pietismo eclesial: Philipp J. Spener, A. H. Franke, Johann A. Bengel, Friedrich Oetinger, Gerhard Tersteegen e outros. Já o Pietismo radical possui forte crítica à igreja constituída, na qual enxerga a prostituta Babilônia. Defendem-se idéias que fogem da base da Reforma e constituem-se igrejas livres e/ou movimentos alternativos. Representantes são: Johann Jakob Schütz, Johann Wilhelm Petersen e sua esposa Eleonora, Gottfried Arnold,<sup>23</sup> alguns grupos de comunhão como o dos Neobatistas (*Neutäufer*), o dos Inspirados e a “Comunidade de Sião”.

O Pietismo radical tem as seguintes características: a) forte recepção da mística medieval católica; b) recepção do assim chamado *Böhmismo*; c) recepção de J. Arndt; d) recepção do Puritanismo. Esses elementos, uma vez fundidos, culminam na radicalização dos anseios de reforma do Pietismo. O casal Petersen desenvolveu ensinamentos em torno do milênio, que culminavam com a convicção de que, no fim, todos seriam salvos (universalismo). Gottfried Arnold acabou abrindo-se ao espiritualismo. Ele convocou para a “saída de Babel” (= igreja). O médico Johann Konrad Dippel ensinava que o sofrimen-

to vicário de Cristo deveria ser substituído por uma transformação física do ser humano em um novo nascimento. Além disso, representantes do Pietismo radical defendiam uma ética ascética. Por outro lado, o grupo radical dos Labadistas se entendia como comunidade do amor, na qual se praticava libertinagem sexual. Muitos grupos reivindicavam para si o fenômeno da inspiração, pregavam o juízo e compravam intrigas com instâncias eclesiásticas e políticas. Nos anos de 1726-1742 surgiu a Bíblia de Berleburg, uma tradução característica contendo ensinamentos do Pietismo radical.<sup>24</sup>

### 4. O Movimento de Avivamento do séc. XIX – Nova expressão histórica do Pietismo

O Movimento de Avivamento do séc. XIX deve ser visto em íntima conexão com o Pietismo clássico do séc. XVIII, havendo uma relação de continuidade e correspondência entre ambos.<sup>25</sup> Poderíamos defini-lo como uma segunda fase do Pietismo na história. Características comuns são a ênfase na *conversão*, a *rejeição* de uma *teologia crítica* à Bíblia e a promoção da *missão interna e externa*. Expressão direta desse Movimento de Avivamento é o *Movimento de Comunhão* (*Gemeinschaftsbewegung*), que cultivava o ideal pietista da comunhão e enfocava a evangelização. O termo “evangelical”, muito utilizado na atualidade, revela influências que o Pietismo recebeu sempre de novo do contexto anglo-saxônico.<sup>26</sup> O Evangelicalismo têm, portanto, raízes no Pietismo, mas distingue-se deste, por outro lado, por assumir de forma muito mais marcante as influências anglo-saxônicas e, posteriormente, norte-americanas. Entretanto, a raiz comum de ambas as vertentes é inegável.

Vale observar que o movimento pietista encetado por Spener chegou, logo após a morte deste, no ano de 1705, ao seu ponto culminante, sendo logo sufocado pelo Iluminismo e por uma teologia marcada pelo Racionalismo. Nas Universidades, os representantes do Pietismo clássico foram igualmente deixados de lado, sendo que predominou o ensino de uma teologia marcada pelo Racionalismo.<sup>27</sup>

O Movimento de Avivamento do séc. XIX é, dessa forma, uma reação à situação da igreja naquela época. Seus representantes enfatizaram a pregação bíblica como contra-ponto em relação às tendências racionalistas nas fa-

<sup>24</sup> Cf. Traugott MESSNER, op. cit., p. 16ss.

<sup>25</sup> Encontramos uma ampla apresentação do histórico deste movimento em Dieter LANGE, *Eine Bewegung bricht sich Bahn*.

<sup>26</sup> Martin BRECHT, op. cit., p. 622; Traugott MESSNER, op. cit., p. 23.

<sup>27</sup> Cf. Dieter LANGE, op. cit., p. 17ss.

<sup>23</sup> Cf. Erich BEYREUTHER, op. cit., p. 289-330, no qual há uma exposição da vida e da obra de Gottfried Arnold e do Pietismo entusiasta.

culdades teológicas e nas comunidades. Os principais temas das pregações eram a justificação do ser humano pecador pelo agir redentor de Deus na cruz de Jesus Cristo e a possibilidade de uma relação filial do crente com Deus a partir da aceitação do perdão concedido por Ele.

Embora o Movimento de Avivamento não tenha atingido a Alemanha em sua totalidade, especialmente em Württemberg ele pôde vingar, encontrando solo fértil nos grupos de comunhão do *Altpietismus*. Há, de certa forma, uma corrente de tradição entre Johann Albrecht Bengel (1687-1752), Friedrich Christoph Oetinger (1702-1782), Philipp Matthäus Hahn (1739-1790), Michael Hahn (1758-1819), Christian Gottlob Pregizer (1751-1824) e Ludwig Hofacker (1797-1827). Na primeira metade do séc. XIX surgiram, em Württemberg, diversos grupos de comunhão, que se uniram em 1856 numa espécie de aliança (*Verband*) com o nome *Die Konferenz* (A Conferência). Outro nome de influência desse período foi Gerhard Tersteegen.

Em 1848, foi fundada a *Evangelische Gesellschaft für Deutschland* (Sociedade Evangélica para a Alemanha) em Elberfeld. Na segunda metade do séc. XIX, foram fundadas diversas entidades missionárias, que deixam reconhecer as primeiras formas organizadas de evangelização e cultivo da vida em comunhão.<sup>28</sup> Nesse período, houve também a colaboração de instituições como a *Christentumsgesellschaft* (Sociedade do Cristianismo) e a *Brüdergemeinde* (Comunidade de Irmãos), que fortaleceram os muitos grupos de comunhão existentes. Fato é que na segunda metade do séc. XIX havia vários grupos vivos de comunhão em diversas regiões da Alemanha. Aqueles grupos de comunhão que haviam surgido no período clássico do Pietismo foram, dessa forma, novamente fortalecidos. Além disso, surgiram muitos grupos novos. Grande destaque merece o surgimento de uma consciência profunda da missão do povo de Deus no mundo.

“Estes círculos de comunhão relativamente pequenos formavam a vertente pietista que se abriu para influências metodistas e recebeu impulsos do Movimento de Oxford, em 1875, unindo-se, então, a um movimento novo e cheio de força que, de forma geral, é denominado de Movimento de Comunhão (*Gemeinschaftsbewegung*)”.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> Exemplos: Verein für Innere Mission Augsburger Bekenntnisses in Baden (1849); Verein für innere Mission in Holstein (1857); Herborn-Dillenburg Verein (1863); Verein für Innere Mission in Ostpreussen (1864) etc. Cf. Traugott MESSNER, op. cit., p. 24.

<sup>29</sup> Dieter LANGE, op. cit., p. 26; Cf. Traugott MESSNER, op. cit., p. 25.

#### 4.1 O Movimento de Oxford e seus impulsos para o Movimento de Comunhão<sup>30</sup>

Na metade do séc. XIX surgiu, a partir dos EUA, um grande movimento de evangelização, sob fortes influências do evangelista Charles Grandison Finney. Ele experimentou uma conversão a partir de experiências visionárias e recebeu, em seguida, o batismo no Espírito. A partir dessa experiência, ele se empenhou pela evangelização mundial, tendo por alvo a conversão daqueles que haviam se distanciado da fé cristã e o fortalecimento dos cristãos. Ele desenvolveu uma doutrina de santificação, que tinha por raiz influências do ideal de perfeição de John Wesley, segundo o qual o batismo com o Espírito deveria seguir a conversão e o novo nascimento como uma espécie de etapa subsequente e superior. Esse batismo com o Espírito possibilitaria ao crente uma comunhão ininterrupta com Deus, mediante a qual a sua natureza pecaminosa seria totalmente destruída. Essa doutrina da santificação perfeccionista penetrou mais tarde também no Movimento de Comunhão, conduzindo a desenvolvimentos que, sob o ponto de vista teológico e prático, se mostraram como sendo problemáticos. O trabalho evangelístico de Charles Finney e de Dwight Lyman Moody, nos EUA, teve como resultado um grande movimento de santificação, que reuniu cristãos de muitas denominações.

Pela atuação do fabricante Robert Pearsall Smith, que viajou em 1873 pela Inglaterra e na Suíça, convidando para programações evangelísticas, esse movimento norte-americano encontrou adesão em solo europeu. Em 1874, três mil pessoas se encontraram em Oxford. Após ouvirem a Palavra por 10 dias, receberam o Espírito Santo. Depois disso, Smith atuou na Alemanha, sendo recebido com grande entusiasmo. Suas reuniões em Stuttgart, em 1875, foram grandemente visitadas por muitos pietistas, sendo rejeitadas por outros tantos.

A partir dessas influências, surge o Movimento de Santificação alemão, tendo por iniciadores Theodor Jellinghaus (1841-1917), Carl Heinrich Rappard (1837-1909) e Otto Stockmayer (1838-1917).<sup>31</sup> O Movimento de Comunhão existente foi fortemente influenciado por eles. Surgiram novos modos de viver a piedade e novas formas de vida em comunhão e de programações cristãs. Esses círculos avivados contribuíram para o grande pluralismo da sociedade do séc. XIX.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> Cf. Dieter LANGE, op. cit., p. 29-45, em quem encontramos uma exposição mais detalhada.

<sup>31</sup> Cf. detalhes em Dieter LANGE, op. cit., p. 46-53.

<sup>32</sup> Cf. Traugott MESSNER, op. cit., p. 24-26. Martin BRECHT (Ed.), *Geschichte des Pietismus*. Vol. 3: Der Pietismus im neunzehnten und zwanzigsten Jahrhundert. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 2000, p. 387.

#### 4.2 Os primórdios do Movimento de Comunhão alemão

Na segunda metade do séc. XIX surgiram muitos grupos de comunhão na Alemanha, como resultado da atuação de diversos pregadores, todos sob forte influência de Jellinghaus, Rappard e Stockmayer.

Elias Schrenk (1831-1913) tornou-se um dos maiores pregadores evangélicos. Ele evangelizava no estilo do movimento norte-americano e fundou em 1884 o *Deutscher Evangelisations-Verein*, sendo financiado por muitas pessoas nobres.<sup>33</sup>

O professor de teologia, Theodor Christlieb (1833-1889), não mediu esforços para unir os diferentes grupos em um grupo maior de trabalho conjunto.<sup>34</sup> Em 1880, surgiu o *Westdeutsche Zweig der Evangelischen Allianz* (Aliança Evangélica – Ramificação do ocidente alemão). O alvo principal de Christlieb era organizar a evangelização. Ele defendia o princípio de que os neoconvertidos deveriam se encontrar em grupos de comunhão, mas permanecer nas igrejas territoriais (*Landeskirchen*). Ele exigia também a divisão das pessoas na comunidade em grupos de jovens, senhoras, senhores e a formação de corais.<sup>35</sup>

Em 1883, foi fundado, em Berlim, o *Christlicher Verein Junger Männer* (CVJM), existente até hoje. Esse trabalho desenvolveu-se em moldes bem diferentes dos tradicionais: havia jornadas evangélicas nas estradas e nas fábricas, desenvolvimento de culto infantil e trabalho com jovens em periferias, incluindo a fundação de diversas casas para o trabalho. A partir desse período, o Movimento de Comunhão tomou como forma característica o trabalho com diferentes faixas etárias, permanecendo assim até hoje.<sup>36</sup>

<sup>33</sup> Cf. detalhes em Dieter LANGE, op. cit., p. 68-71.

<sup>34</sup> Cf. detalhes em Dieter LANGE, op. cit., p. 71-19.

<sup>35</sup> Detalhes muito interessantes sobre os primórdios do Movimento de Comunhão podem ser encontrados em um livro contendo testemunhos de 22 dos principais representantes do mesmo – cf. Evangelisch-Kirchliches Gnadauer Gemeinschaftswerk (Ed.). *Stimmen der Väter: Zeugnisse aus den Anfängen der Gnadauer Gemeinschaftsbewegung*. Berlim: Evangelische Verlagsanstalt 1958, 228 p. Trata-se dos seguintes representantes: Theodor Christlieb (p. 10-22), Jacob Gustav Siebel (p. 23-27), Julius Dammann (p. 28-39), Jasper von Oertzen (p. 39-44), Eduard von Pückler (p. 45-51), Friedrich Fabri (p. 52-57), Elias Schrenk (p. 58-70), Walter Michaelis (p. 71-87), Otto Stockmayer (p. 88-107), Leopold Witterkindt (p. 108-116), Christian Dietrich (p. 117-127), Andreas von Bernstorff (p. 128-133), Johannes Seitz (p. 133-142), Alfred Christlieb (p. 143-152), Ernst Lohmann (p. 153-162), Johannes Lohmann (p. 163-181), Theodor Haarbeck (p. 182-188), Carl Heinrich Rappard (p. 189-196), Heinrich Coerper (p. 197-202), Theophil Krawielitzki (p. 203-211), Carl Lange (212-219), Ernst Modersohn (p. 220-228).

<sup>36</sup> Cf. Traugott MESSNER, op. cit., p. 26-28.

O Movimento de Comunhão foi crescendo e se estruturando.<sup>37</sup> No ano de 1888, todos os grupos de comunhão foram convidados para a primeira *Gnadauer Pfingstkonferenz* (Conferência de Pentecostes de Gnadau).<sup>38</sup> Essas conferências passaram a ser regulares, tendo sempre de novo como tema o relacionamento dos grupos de comunhão com a igreja evangélica, bem como o posicionamento do Movimento diante de Carismáticos e de novas tendências teológicas liberais.<sup>39</sup>

#### 4.3 O Movimento de Comunhão e o Movimento Carismático

Em julho de 1907, o evangelista Heinrich Dallmeyer (1870-1925) convidou pessoas dos grupos de comunhão de Kassel para encontros com mulheres norueguesas que falavam em línguas. Nessas noites, pessoas caíram em êxtase, em gritaria, havia orações, imposições de mãos e falavam em línguas, gerando muita confusão nesses círculos. O movimento carismático (*Pfingstbewegung*) se espalhou pela Alemanha de forma muito rápida.<sup>40</sup> Em 1908, foi realizada, em Hamburgo, a primeira conferência de Pentecostes (*Erste Pfingstkonferenz*), na qual também o carismatismo esteve muito forte. Muitos grupos de comunhão, por toda a Alemanha, abriram-se a tais influências, o que obrigou a direção do Movimento de Comunhão a tomar posição. No dia 15/9/1909, as principais lideranças do Movimento de Comunhão e da Aliança Evangélica foram convidadas para diálogos em Berlim, tendo como resultado a *Declaração de Berlim (Berliner Erklärung)*. Nesse documento, os participantes do Movimento de Comunhão foram conclamados a se distanciarem do Movimento Carismático, que foi definido como sendo um movimento marcado por um espírito “de baixo” – assim a formulação *ipsis literis* do documento, demarcando dessa forma a procedência não-divina daquele

<sup>37</sup> Cf. Kurt HEIMBUCHER (Ed.). *Dem Auftrag Verpflichtet. Die Gnadauer Gemeinschaftsbewegung. Prägungen – Positionen – Perspektiven*. Giessen/Basel: Brunnen Verlag; Dillenburg: Gnadauer Verlag 1988. Esta obra apresenta uma excelente síntese da história do Movimento de comunhão (cf. p. 15-26: história de 1888 até 1933; p. 26-46: história de 1933 até 1945, no período do 3. Reino de Hitler e p. 47-71: história de 1945 até 1988. Além disso, encontra-se ampla exposição dos principais temas que caracterizaram e caracterizam o Movimento de Comunhão desde seus primórdios até a atualidade: p. 73-438.

<sup>38</sup> Uma exposição detalhada sobre esta conferência pode ser encontrada em Dieter LANGE, op. cit., p. 79-98.

<sup>39</sup> Cf. Dieter LANGE, op. cit., p. 99-161.

<sup>40</sup> Uma exposição detalhada pode ser encontrada em Dieter LANGE, op. cit., p. 169-226.

fenômeno.<sup>41</sup> Os líderes do Movimento de Comunhão lamentaram os grandes tumultos provocados por carismáticos em muitas regiões, expressaram suas reservas diante da doutrina do batismo com o Espírito Santo, do recebimento de um “coração puro” e de dons do Espírito como o falar em línguas. Constataram, da mesma forma, a falta de sobriedade e de humildade existente em círculos carismáticos. A Declaração de Berlim culminou numa grande ruptura entre os participantes do Movimento de Comunhão, tendo a maioria se decidido contra o Movimento Carismático.

Os representantes do Movimento Carismático fundaram seus próprios grupos de comunhão e reagiram com a *Declaração de Mühlheim (Mühlheimer Erklärung)*, afirmando o caráter divino do Movimento Carismático. Dessa forma, a cisão entre os dois movimentos estava definitivamente selada.

#### 4.4 O relacionamento do Movimento de Comunhão com a igreja evangélica após 1918

Em 1918, com o final da atuação do Kaiser alemão, houve a separação entre igreja e Estado na Alemanha. O Movimento de Comunhão, diante dessa nova situação, teve que reagir mais uma vez em relação à igreja. Nesse novo momento histórico, os líderes do Movimento de Comunhão optaram com unanimidade em não fundar nova igreja livre, mas em continuar a atuar nos espaços da igreja evangélica constituída. Entendeu-se que dentro da igreja evangélica havia amplas possibilidades de atuação missionária. Como deficiências da igreja, constatou-se a práxis do batismo infantil, bem como a visão de que a pregação da Palavra e o ministrar dos sacramentos estavam vinculados muito fortemente com o ministério ordenado. A obrigação de que todos deviam se congregar em paróquias tornou-se um problema onde havia pastores liberais.<sup>42</sup> A maioria dos grupos de comunhão pôde aceitar um lema de Theodor Christlieb: “*In der Kirche, soweit als möglich mit der Kirche, aber nicht unter der Kirche*”.<sup>43</sup>

<sup>41</sup> Cf. Dieter LANGE, op. cit., p. 202: “Os assinantes da Declaração fundamentaram sua rejeição, caracterizando o Movimento Carismático em sua totalidade como um movimento ‘de baixo’ (*von Unten*), atestando sua origem demoníaca e rejeitando toda e qualquer ação divina no interior daquele movimento” (Trad. CS). Negaram, além disso, que com a experiência do batismo no Espírito estivesse acontecendo uma repetição do pentecostes da igreja primitiva. A declaração clara e evidente dos assinantes era: “Nós não esperamos um novo pentecostes; nós esperamos pela volta do Senhor” – citado em LANGE, op. cit., p. 202.

<sup>42</sup> A exposição detalhada desta etapa histórica pode ser encontrada em Dieter LANGE, op. cit., p. 227-266.

<sup>43</sup> D. LANGE, op. cit., p. 230.

Por outro lado, sempre houve quem fundasse alguma igreja livre, por causa da crescente secularização da Igreja Evangélica alemã. Os que optavam por ficar na igreja, faziam-no a partir da compreensão de que o Movimento de Comunhão seria:

- a) realização e promoção de vida em comunhão dos santos;
- b) a voz profética – a consciência – da igreja;
- c) a força evangelística da igreja;
- d) o movimento de oração por avivamento na igreja.

A grande maioria dos grupos de comunhão (*Gemeinschaften*) optou por esse modelo, embora ele sempre tenha gerado tensões pessoais, locais e institucionais. No ano de 1923, foi assinada uma declaração que regulamentava o relacionamento entre as *Landeskirchen* e a *Gemeinschaft*. Lá ficou assegurado que o Movimento de Comunhão quer pleitear/promover a comunhão e a evangelização, não a separação da igreja, sempre buscando o bem desta última. O Movimento de Comunhão combateu todas as tentativas de separação da igreja.<sup>44</sup> Optou-se por permanecer na igreja, não por causa de possíveis vantagens, mas por uma livre decisão e a partir de uma convicção interior. Em 1938, essa declaração foi mais uma vez publicada e reforçada, tornando-se, de certa forma, em molde até os dias de hoje, para os mais diferentes acordos locais entre a igreja e os diferentes grupos de comunhão.<sup>45</sup>

Resumindo, o Movimento de Comunhão de Gnadau tem por alvo principal chamar ao arrependimento e à conversão e cultivar a piedade pessoal a partir das Escrituras Sagradas. A centralidade da Bíblia está em continuidade com o Pietismo clássico. Há forte rejeição ao Método Histórico-Crítico na interpretação da Bíblia. A santificação é enfatizada. O engajamento na igreja

<sup>44</sup> Encontramos um registro dos principais documentos em torno do Movimento de Comunhão de Gnadau em: Kurt HEIMBUCHER; Theo SCHNEIDER (Ed.). *Sammlung und Zeugnis. Gnadauer Dokumente I. Die Gnadauer Pfingstkonferenzen von 1888 bis 1988. Gnadauer Worte und Erklärungen von 1930 bis 1987*. Giessen: Brunnen Verlag; Dillenburg: Gnadauer Verlag 1988. 192 p.; Kurt HEIMBUCHER; Theo SCHNEIDER (Ed.). *Besinnung und Wegweisung. Gnadauer Dokumente II. Ausgewählte Aufsätze u. Vorträge*. Giessen: Brunnen Verlag; Dillenburg: Gnadauer Verlag 1988. 318 p. Uma síntese de posicionamentos e reflexões mais recentes em torno do relacionamento entre a Igreja Luterana Alemã e o Movimento de Comunhão de Gnadau pode ser encontrado na tese de doutorado de Christoph MORGNER. *Geistliche Leitung als theologische Aufgabe. Kirche – Pietismus – Gemeinschaftsbewegung*. Stuttgart: Calwer Verlag 2000. 620 p. Veja, em especial, p. 528-557.

<sup>45</sup> Os textos destes acordos podem ser encontrados em: Kirchenamt der Evangelischen Kirche in Deutschland; Gnadauer Zentrale (Ed.). *Kirche und Gemeinschaft. Die Vereinbarungen zwischen den Gliedkirchen der Evangelischen Kirche in Deutschland u. den im Evangelischen Gnadauer Gemeinschaftsverband zusammengeschlossenen Gemeinschaftsverbänden*. Hannover; Dillenburg 2000. p. 164

e a crítica a seus defeitos são praticados, havendo sempre a opção de permanecer na igreja.<sup>46</sup> Como movimento, há grande mobilidade que permite flexibilidade e criatividade para encontrar novas formas de trabalho. Em diferença para com o Pietismo clássico, o Movimento de Comunhão conhece muitas formas de vida em comunhão, em especial, o trabalho com diferentes faixas etárias. Dessa forma, o Neopietismo do Movimento de Comunhão deixou de enfatizar os *collegia pietatis* do Pietismo clássico, para tornar-se um movimento arrojado, marcado por diferentes formas e vertentes.<sup>47</sup> Destaque-se, neste contexto, que por toda a sua história o Pietismo continuou e continua sendo um movimento advindo da Reforma protestante e uma rica expressão concreta desta.<sup>48</sup>

## II. PHILIPP JAKOB SPENER (1635-1705) – BIOGRAFIA E TEOLOGIA PIETISTA

### I. Principais momentos da biografia de Spener

Philipp Jacob Spener é considerado o “Pai” do Pietismo, tendo realizado aquilo que muitos denominam de a mais importante *reforma após a Reforma* (*Reformation nach der Reformation*<sup>49</sup>). Ele exerceu influência notável sobre praticamente todas as ramificações do Pietismo posterior. Na história de seu desenvolvimento pessoal encontramos, de forma paradigmática, as principais tradições e influências que deram origem, ao longo da história posterior, ao que denominamos genericamente de Pietismo. Não sem razão, um pesquisador do Pietismo afirmou: “A história de surgimento do Pietismo é

<sup>46</sup> Cf. Kurt HEIMBUCHER (Ed.), *Dem Auftrag verpflichtet*, p. 414-438; Kurt HEIMBUCHER (Ed.), *Luther und der Pietismus*, p. 214-228.

<sup>47</sup> Para uma retrospectiva dos 100 primeiros anos do Movimento de Comunhão de Gnadau, na qual encontramos o destaque das principais contribuições do movimento neste período, veja Evangelisch-Kirchliches Gnadauers Gemeinschaftswerk in der DDR (Ed.), *Du, Herr; hast uns gerufen. 100 Jahre Gnadauer Gemeinschaftswerk*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt 1988, 384 p. Os principais representantes do movimento, neste período, são listados nas p. 377s. Já as diversas ramificações regionais e setores de trabalho no interior do movimento, encontramos nas p. 378s.

<sup>48</sup> “Das Reformation und Pietismus in engem Zusammenhang stehen, beweist das Phänomen, dass .diejenigen Kirchen und Landschaften die solidesten Bollwerke der reformatorischen Botschaft geblieben sind, über die in früheren Zeiten eine pietistische Erweckungsbewegung hinweggegangen ist”. (assim Traugott MESSNER, segundo E. BEYREUTHER, op. cit., p. 9).

<sup>49</sup> Assim Hans BRUNS. *Ein Reformator nach der Reformation*. Marburg 1937, p. 119.

em grande medida a história da vida de Philipp Jakob Spener”.<sup>50</sup>

Spener nasceu no dia 13 de janeiro de 1635, em Rappoltsweiler, e faleceu no dia 5 de fevereiro de 1705, em Berlim. Filho de Jurista, foi educado junto aos Senhores de Rappoltstein. Como jovem, foi um excelente conhecedor da teologia de Lutero, tendo sido influenciado pelos livros de Johann Arndt (*Vier Bücher vom Wahren Christentum*) e por diversos escritos de edificação do Puritanismo inglês, os quais enfatizavam a devoção a Deus, a meditação, a auto-análise e a santificação do domingo.<sup>51</sup> Spener nunca visitou uma escola pública, mas buscou conhecimentos de forma autodidática e sob orientação de outros. Em especial, leu e se aprofundou em compêndios de autores modernos como Justus Lipsius e Hugo Grotius.<sup>52</sup> Sua repugnância a Aristóteles, suas reservas diante da crença em bruxas e cometas, sua abertura às ciências naturais modernas, sua relativização das diferenças confessionais e a convicção de ser necessário o cristão se posicionar contra o ateísmo que despontava como fruto do Iluminismo – tudo isso surgiu no período que passou em Rappoltsweiler. Ao se dirigir, em 1651, a Estrasburgo, as principais estruturas de seu pensar já estavam amadurecidas, sendo que sua piedade já podia, segundo o pesquisador Johannes Wallmann, ser considerada como a de um “pietista”.<sup>53</sup> ele se mantinha afastado de coisas mundanas, dedicava o seu domingo ao *studium pietatis* lendo literatura de edificação, cantando e escrevendo meditações. Em 1653, aos 14 anos, tornou-se mestre em filosofia com uma dissertação na qual discute criticamente com o escrito *De cive* de Thomas Hobbes. Depois disso, estudou história com Johann Heinrich Boecler. De 1654 até 1659 estudou teologia em Estrasburgo, na Faculdade Teológica local. Os professores (Johann Schmidt, Johann Conrad Dannhauer e Sebastian Schmidt) intermediaram sólidos fundamentos com base na Fórmula de Concórdia, pois eles eram marcados teologicamente pela Ortodoxia luterana. De

<sup>50</sup> Assim C. MIRBT. Art. *Pietismus*, in: RE vol. 15 (3. ed.), p. 775, citado em Johannes WALLMANN, *Der Pietismus*, p. 37. Cf. também Martin BRECHT. *Philipp Jakob Spener; sein Programm und dessen Auswirkungen*. In: Martin Brecht; Klaus Deppermann; Ulrich Gäbler e Hartmut Lehmann. (Ed.). *Geschichte des Pietismus. Im Auftrag der Historischen Kommission zur Erforschung des Pietismus*. Vol. 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1993, p. 281-389.

<sup>51</sup> Cf. Johannes WALLMANN, *Der Pietismus*, p. 38.

<sup>52</sup> Uma análise detalhada sobre o interrelacionamento do Pietismo e do mundo moderno pode ser encontrada em: Kurt ALAND (Ed.). *Pietismus und Moderne Welt. Mit Beiträgen von O. Sölingen, M. Schmidt, K. Deppermann, K. Aland, A. Lindt, K. Schaller, W. Binder*. (Arbeiten zur Geschichte des Pietismus, vol. 12). Witten: Luther-Verlag 1974, em especial p. 9-74 e 75-98.

<sup>53</sup> Id., *ibid.*, p. 38.

Sebastian Schmidt (1617-1696), autor de uma série de comentários bíblicos, Spener aprendeu um método exegético sólido, atento ao contexto bíblico dos textos, que buscava liberdade de influências demasiadamente dogmáticas, método este que preservou toda a sua vida e mais tarde ensinou aos seus alunos. Johann Dannhauer (1603-1666) foi seu professor de teologia sistemática. Spener se apropriou do sistema teológico desse professor, que tinha controvérsias com os católico-romanos, os Calvinistas, os Antitrinitarianos e outros. Spener chegou a decorar partes inteiras da dogmática de Dannhauer, intitulada *Hodosophia christiana*. Mais tarde, como líder do Pietismo em formação, ele intermediou diversos ensinamentos da dogmática ortodoxa de seu mestre.<sup>54</sup> Pouco antes de sua morte, Spener declarou nunca ter se afastado do ensino luterano, conforme havia aprendido com Dannhauer, com exceção da escatologia.

Em 1659, após concluir o estudo da teologia, Spener foi estudar hebraística na Basileia. Antes disso, ele inclusive havia tomado aulas particulares com judeus, que o instruíram no Talmude. Sua valorização da língua bíblica oriental original se refletiria, também em tempos posteriores, no Pietismo.

Em 1660/61 ele fez uma viagem de estudos à Genova, onde conheceu Jean de Labadia. Spener ouviu muitas pregações de Labadia, conversou pessoalmente com ele e traduziu um de seus escritos. A piedade quietista e mística de Labadia o impressionou profundamente.

Em 1662, Spener viajou a Stuttgart, em Württemberg, bem como a Tübingen. Nessa viagem, ele conheceu um livro que o marcaria profundamente, *Wächterstimme aus dem verwüsteten Zion* (Arauto a partir da Sião destruída), de Theophil Grossgebauer, que lamentava a decadência do cristianismo de seu tempo. O autor conclamava os pastores a não descansarem enquanto cada um dos membros de sua comunidade não experimentasse o novo nascimento e a conversão. Essa obra representa uma espécie de estágio intermediário entre Ortodoxia e Pietismo. Grossgebauer exigia uma luta de arrependimento de cada cristão, bem como que cada um soubesse a data e a hora de sua conversão. Sem abandonar o batismo infantil, Grossgebauer enxergava-o como aliança que Deus estabelece com o ser humano, sendo que o novo nascimento somente acontece com a conversão. Há diversas provas na obra de Spener de que foi justamente a leitura dessa obra que fez com que ele se conscientizasse da necessidade de mudanças na igreja de seu tempo, pois determinadas idéias de *Pia Desideria* tiveram nesse livro a sua inspiração. Diferente de Grossgebauer, que havia negado o ensino da Ortodoxia luterana

<sup>54</sup> Johannes WALLMANN, *Der Pietismus*, p. 38s.

do novo nascimento pelo batismo, Spener, no ano de 1663, escreveu suas *Lectiones cursoriae*, nas quais ele reforçava o ensino ortodoxo do novo nascimento pelo batismo. Para conciliar a doutrina ortodoxa luterana com a insustentável pietista na necessidade de novo nascimento e conversão, Spener recorre ao ensino da *repetibilidade do novo nascimento*, também encontrado na Fórmula de Concórdia. Para Spener, neste escrito, os cristãos nominais de seu tempo já foram uma vez renascidos, mas caíram da graça do batismo e têm necessidade de mais um novo nascimento.<sup>55</sup> Dessa forma, Spener conciliou o Pietismo, que começava a defender, com o ensino herdado da Ortodoxia luterana. Mais tarde, o Pietismo radical o criticaria impiedosamente por ter continuado a defender o ensino ortodoxo.

Em 1663, Spener atuou como livre pregador em Estrasburgo. Nesse período, realizou estudos genealógicos – Spener é conhecido como o fundador da Heráldica científica na Alemanha. Em 1664, ele escreveu seu doutorado sobre um tema do Apocalipse de João e casou. No ano de 1666, foi chamado para Frankfurt a.M. como pastor Sênior do *Predigerministerium* (Ministério de Pregadores) de Frankfurt.

Os anos entre 1666 até 1686, que ele passou em Frankfurt a.M., foram os principais de sua vida, pois nestes ocorreu, para ele, a virada da Ortodoxia luterana para o Pietismo. Durante os primeiros 10 anos desse período, ele ainda se empenhou em apoiar as muitas tentativas de reformas advindas da própria Ortodoxia luterana. Ele exigia a santificação do domingo, a proibição do comércio neste dia, cultivou severa disciplina eclesiástica e renovou o ensino do catecismo. Apesar de tais esforços, Spener desanimou e duvidou da efetividade dos mesmos. Ele via que todos os empenhos somente conduziam a um cristianismo formalmente correto, mas ainda assim farisaico e descomprometido com o evangelho. Spener não conseguia vislumbrar o cristianismo verdadeiro apreçoado por J. Arndt em seus livros. Ele via que o jeito ortodoxo de realizar mudanças por meio da exigência e do uso da autoridade eclesiástica não levava a mudanças autênticas, apenas a um tipo de disciplina social externa e farisaica. No dia 18 de julho de 1669, Spener pregou sobre Mateus 5.20 e criticou o cristianismo morto e farisaico de seus dias, causando acolhida de um lado e crítica de outro lado. Em resposta às críticas, ele remeteu para o prefácio de Lutero à carta aos Romanos, no qual o Reformador fala da fé viva, verdadeira e atuante – essa passagem tornou-se o *locus classicus* da compreensão pietista de fé. Nesse período de desânimo, Spener entendeu que a causa de tudo se encontrava nos pastores de seu tempo, em uma teologia muito concentrada em controvérsias confessionais e na falta de prática da

<sup>55</sup> Id., *ibid.*, p. 41.

vida de fé. Durante alguns anos, trocou correspondências com outros pastores acerca da necessidade de uma reforma da igreja e da formação teológica dos pastores.

Em 1670, Spener criou um pequeno círculo de diálogo sobre questões de fé, que logo foi chamado de *collegium pietatis*. Esse círculo tornou-se conhecido por todos os arredores e fora de Frankfurt, tornando-se a célula de origem dos conventículos pietistas, tanto do Pietismo eclesial quanto do Pietismo radical, que se separou mais tarde da igreja. Conforme Spener, a idéia inicial nem foi dele, mas de alguns participantes da comunidade que, cansados de companhias mundanas nos domingos, queriam cultivar comunhão espiritual. Duas vezes por semana – domingos e quartas-feiras – eles se reuniam e conversavam. No início, reuniam-se apenas acadêmicos e patrícios. Depois, trabalhadores e outros membros da comunidade. Mais tarde permitiu-se a presença de mulheres. Após 5 anos, havia cerca de 50 participantes nesse grupo, e após 10 anos, eram mais de 100 participantes. Liam-se trechos de livros edificantes, como a *Praxis pietatis* de Lewis Bayly, o livro “Vorschmack göttlicher Güte” (*Gosto da bondade divina*) de Joachim Lütkeemann, trechos de dogmáticas ortodoxas etc. Depois de conversarem brevemente sobre o que foi lido, havia espaço para a discussão de outros temas. Controvérsias eram evitadas. Não se falava de pessoas ausentes. Hinos e oração iniciavam e terminavam esses encontros.<sup>56</sup>

De forma geral, Spener foi marcado pela convicção de que a Reforma de Lutero ainda não havia chegado à sua consumação e que tinha ficado encalhada no caminho. Ele via como sendo sua a tarefa de dar continuidade à obra do Reformador. Não por acaso, os seus seguidores o chamaram de “Reformador após a Reforma”. É a partir dessa convicção básica que devemos entender todo o programa de reformas para a igreja de seu tempo, que Spener condensou em seu escrito *Pia Desideria*. Trata-se de desejos piedosos para a igreja de seu tempo. Esse escrito tornou-se, também para os tempos posteriores, o principal escrito programático do Pietismo clássico. Todos os ensinamentos do Pietismo posterior se encontram praticamente em germe nesta obra, com exceção da exigência de uma data definida para a conversão e a missão dos gentios, defendida por outros pietistas. A relevância histórica desse livro não pode ser subestimada.<sup>57</sup> O próprio Spener afirmou, diversas ve-

<sup>56</sup> Johannes WALLMANN, *Der Pietismus*, p. 43-45.

<sup>57</sup> “Es gibt in der Kirchengeschichte keinen zweiten Fall, dass ein Mann die Quintessenz seines Denkens und Wollens in einem einzigen Text verdichtet hat”. (Assim Johannes WALLMANN, *Geistliche Erneuerung der Kirche nach Philipp Jakob Spener*, in: PuN, vol. 12. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1986, p. 14).

zes durante sua vida, que tudo o que pensava e ensinava ele já havia escrito em seu livro *Pia Desideria*.

## 2. Linhas fundamentais da teologia pietista de Spener<sup>58</sup>

Quem se empenha em realizar uma abordagem dos enfoques centrais da teologia pietista de Spener, vai constatar que a teologia deste ainda não foi suficientemente explorada pela pesquisa.<sup>59</sup> Além disso, é de suma importância lembrar que muitos dos posicionamentos de Spener como, por exemplo, seu pensamento sobre Catolicismo ou Socinianismo, não são tipicamente pietistas, mas comuns ao Protestantismo da época. Como já foi apontado por sua biografia, é sempre necessário levar em conta que Spener se considerava e era um teólogo ortodoxo luterano.<sup>60</sup> As linhas a serem destacadas, na sequência, perfazem, portanto, mais o enfoque tipicamente pietista que encontramos em Spener. Trata-se de aspectos que não são encontrados de forma tão evidente em sua obra *Pia Desideria*, que será abordada de modo mais detalhado abaixo, mas que despontam em suas demais obras.

Em primeiro lugar, destaque-se que Spener não era um teólogo acadêmico e que não deixou um sistema teológico fechado como legado.<sup>61</sup> Embora tivesse reservas diante da filosofia e da metafísica Aristotélicas e fosse cético para com a filosofia moderna de Descartes, ele não era cego diante da importância crescente da física e da matemática, sendo que prezava a filosofia prá-

<sup>58</sup> Cf. Martin BRECHT, *Philipp Jakob Spener, sein Programm und dessen Auswirkungen*. In: Martin Brecht; Klaus Deppermann; Ulrich Gäbler e Hartmut Lehmann. (Ed.). *Geschichte des Pietismus*. Im Auftrag der Historischen Kommission zur Erforschung des Pietismus. Vol. 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1993, p. 371ss; Emanuel HIRSCH, *Geschichte der Neuere Evangelischen Theologie im Zusammenhang mit den allgemeinen Bewegungen des europäischen Denkens*. Vol. 2. 5. ed. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus 1951, p. 91-155; Gottfried HORNIG, *Lehre und Bekenntnis im Protestantismus*. In: Carl Andresen (Ed.) *Handbuch der Dogmen- und Theologiegeschichte*. Vol. 3. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1984, p. 98-102.

<sup>59</sup> Assim Martin BRECHT, *Philipp Jakob Spener, sein Programm*, p. 371. No transcorrer deste tópico passaremos a referir, em especial, os resultados da pesquisa de Brecht, conforme apresentados neste artigo.

<sup>60</sup> Martin BRECHT, op. cit., p. 371.

<sup>61</sup> Não apenas sua *Pia Desideria*, mas também coletâneas monumentais de pregações como “Die Evangelische Glaubenslehre” (1688), “Die evangelischen Lebenspflichten” (1692), “Der Evangelische Glaubensrost” (1695) e “Einfältige Erklärung der christlichen Lehre” (1677) – esta última obra orientada no Catecismo de M. Lutero –, devem ser levadas em conta. Além disso: “Theologische Bedencken und anderen brieflichen Antworten auf geistliche, sonderlich zur Erbauung gerichtete Materien”; “Consilia et Iudicia Theologica Latina” e “Letzten Theologischen Bedencken”.

tica de Hugo Grotius. A filologia das línguas bíblicas, contudo, era considerada por ele como o mais importante segmento da filosofia da época para os teólogos.<sup>62</sup>

Em relação ao conjunto das disciplinas teológicas, Spener colocava a teologia bíblica ou exegética no ápice, considerando-a como o princípio de toda a teologia. Importava que os teólogos entrassem em contato com a realidade do agir divino pelas Escrituras, e não tivessem apenas um contato intelectual com estas. Pode-se dizer que a concentração bíblica da teologia do Pietismo teve nessa postura impulsos decisivos. Da mesma forma, pode-se esclarecer, a partir desse ponto, a tendência pietista de não partilhar do criticismo bíblico da época.<sup>63</sup> Nominalmente, Spener encontrava-se em consonância com a tradição ortodoxa luterana, mas, de fato, em seus escritos, ele questionava fortemente algumas práticas da teologia dogmática ortodoxa. Criticava, principalmente, o espírito polêmico desta, afirmando que a polêmica doutrinária, embora não devesse ser rejeitada, deveria ser deixada para os especialistas. Spener valorizou muito a ética, que colocava ao lado da dogmática. Ele procurou valorizar a homilética, rejeitando, porém, uma retórica rebuscada e prédicas marcadas por uma intelectualidade estéril. De certa forma, enfatizou, também, uma teologia mística, tendo aprendido muito de Johann Arndt.

As três maiores autoridades teológicas, para Spener, eram o dogmático Dannhauer, J. Arndt<sup>64</sup> e M. Lutero. Como aluno fiel de Dannhauer, Spener se conservou conscientemente na tradição da teologia ortodoxa luterana. Na maioria dos tópicos que ensinava, ele permaneceu extremamente fiel a essa dogmática, havendo um desvio evidente, contudo, na escatologia. Quanto ao uso que fazia de Lutero, vale ressaltar que os ensinamentos do Reformador não lhe serviam para fundamentar a doutrina ortodoxa herdada, mas para articular os novos enfoques que procurava apresentar. Uma série de intenções práticas de Lutero passou por uma recepção, havendo, contudo, também modificações na doutrina da justificação. “Com sua recepção de Lutero, Spener não foi apenas aluno, mas um parceiro do Reformador”.<sup>65</sup> De forma geral, ele procu-

<sup>62</sup> Martin BRECHT, *Philipp Jakob Spener, sein Programm*, p. 372.

<sup>63</sup> Assim Martin BRECHT, op. cit., p. 372.

<sup>64</sup> “Spener não era nenhum espiritualista Arndtiano radical, embora tivesse algumas coisas em comum com os mesmos e tivesse relativa compreensão para com os mesmos. A concepção de Martin Schmidt [pesquisador do Pietismo], de compreender Spener como aquele que domesticou eclesiasticamente o espiritualismo radical que o antecedeu, deve valer hoje como ultrapassada”. Assim Martin BRECHT, op. cit., p. 373.

<sup>65</sup> Martin BRECHT, op. cit., p. 373.

rou estar em continuidade com a teologia herdada, mas também e simultaneamente corrigir as suas deficiências. Spener não fundou uma escola teológica. Contudo, suas obras serviram de forte inspiração para as gerações posteriores do Pietismo.

Uma das insistências de Spener era a exigência de simplificar a teologia, deixando de lado as muitas complicações do material dogmático. Argumentava, por isso, com frequência, a partir da própria teologia bíblica. “No centro da teologia deveria estar a obra salvadora de Deus em Cristo em sua relevância para o ser humano, sua salvação e sua renovação”.<sup>66</sup> Spener posicionava-se contra a distinção iluminista entre teologia e fé, bem como contra o ateísmo prático que registrava em sua época. Por outro lado, partilhava com a nova época uma liberdade maior do cristão em relação aos ensinamentos dogmáticos herdados do passado, em especial, nas questões que considerava periféricas à fé. “... o teólogo Spener já se encontrava, [com esses enfoques] na transição para a época pós-ortodoxa, na qual a subjetividade piedosa e a moralidade individual ganhavam peso em relação à doutrina objetiva. Seria, contudo, apressado, ver neste desenvolvimento [em Spener] apenas um precursor do Iluminismo, como o mostra a continuidade da história do Pietismo, na qual este logo figurou como um oponente do Iluminismo”.<sup>67</sup>

O centro da teologia de Spener é, como na Ortodoxia, a ordem salvífica estabelecida por Deus para o ser humano.<sup>68</sup> A obra de Deus consiste em restaurar a sua imagem no ser humano, que foi perdida com a queda. Embora tenham permanecido, no ser humano, um conhecimento natural de Deus e manifestações da consciência, ninguém consegue sair da condição de pecado por si mesmo. A primeira parte da ordem salvífica (*ordo salutis*) reside no *novo nascimento*. Ao novo nascimento pertencem o surgimento da fé, a justificação – entendida como imputação da justiça de Cristo –, a aceitação como filho de Deus e a criação do novo ser humano. O despertar da fé, Spener atribuía ao novo nascimento. Tal despertar ocorre pela atuação conjunta da Palavra e do Espírito de Deus. A Palavra é mero meio externo do agir do Espírito, cuja atuação recebe importância fundamental em Spener. Ele co-

<sup>66</sup> Martin BRECHT, op. cit., p. 373.

<sup>67</sup> Id., *ibid.*, p. 374.

<sup>68</sup> Na pesquisa, Emanuel Hirsch afirmou que o centro da teologia de Spener residia na doutrina ortodoxa luterana da justificação. Já Martin Schmidt via no ensino sobre o novo nascimento o centro de todo o Pietismo. Reiner, por sua vez, mostrou que havia um equívoco na tese de Schmidt, pois houve uma recepção comum de temas de Johann Arndt pelos teólogos Ortodoxos e por Spener. Quem trouxe, conforme Martin Brecht, clareza nesta questão, foi o pesquisador Johannes Wallmann – assim Martin BRECHT, op. cit., p. 374.

nhece inclusive um agir preparador e precursor do Espírito, que antecede a recepção da Palavra de Deus pelo ser humano. Segundo Brecht, temos aqui indícios do espiritualismo desta teologia, pois o agir do Espírito pode aparecer dissociado dos meios externos da graça. O ser humano participa de algum modo do início da salvação. Ele precisa dar espaço para o agir do Espírito e obedecer a Deus. Sem tal cooperação, que na ótica da Ortodoxia Luterana se torna questionável, o novo nascimento não acontece.<sup>69</sup>

Em sua compreensão da Palavra de Deus, Spener distingue entre lei e evangelho. A lei promove o reconhecimento do pecado e temor, sendo, porém, apenas um preparo para a acolhida da semente do evangelho. Por isso, Spener estava pouco interessado na pregação da lei.

A justificação é exclusivamente ação pontual de Deus, perdão dos pecados e imputação da justiça de Cristo. Ela é recebida unicamente pela fé, não por obras. Spener conservou o modelo da justificação na compreensão de P. Melancthon. A justificação como centro do novo nascimento não é um processo, mas um evento resultante do agir de Deus, que faz da pessoa um cristão. A nova criação acompanha a justificação, possibilitando à pessoa fazer o bem. Spener enfatiza mais o efeito da justificação no crente do que o tema do consolo advindo do perdão. Para Spener, é possível que alguém caia do novo nascimento, tendo que retornar ao mesmo pela conversão. Seguindo seu mestre Dannhauer, Spener diferenciou entre novo nascimento e renovação enquanto crescimento na fé, exercício da piedade e busca de plenitude pelo cristão. O crescimento, este sim, era visto como um processo de santificação que durava a vida toda. O objetivo da renovação era a união com Deus (2Pd 1.4), permanecendo a diferença qualitativa entre Deus e o ser humano. Os meios do crescimento são o exercitar constante na Palavra e nos sacramentos, na crucificação e na provação, na oração e no afastamento do mundo. Spener focava seus interesses de modo especial no processo de aperfeiçoamento dos santos e na práxis piedosa destes. O centro de seu programa de Reforma reside justamente na renovação do cristão e da vida cristã.<sup>70</sup> De certo modo, se subtrairmos que Spener via uma determinada cooperação entre Deus e ser humano no despertar da fé, podemos afirmar que ele permanece na doutrina da justificação somente pela graça e pela fé. Assim como o batismo, a justifi-

cação é vista por Spener como constante consolo para o renascido. Contudo, também na realização da vida cristã, Spener vislumbrava alguma cooperação entre o ser humano e Deus, havendo, também nesse ponto, tensões com a doutrina da justificação luterana. A exigência de conversão urgente podia tanger a graça universal. O pecado restante no crente renascido acabava sendo declarado como fraqueza da pessoa. Renascidos deveriam seguir rigorosamente os preceitos éticos. Spener acreditava que o crescimento na santificação pudesse ser identificado, embora tivesse se oposto a um perfeccionismo radical. Os renascidos deveriam viver em comunhão, buscar as coisas da nova vida e se distanciar do mundo.

Uma porção considerável dos escritos de Spener ocupa-se com a ética. Isso resultava de seu interesse nos frutos da fé, bem como na renovação da vida cristã. O principal endereço da ética de Spener são os renascidos. Central, para Spener, é a normatividade do ensino bíblico, também em relação à ética. A recepção das normas éticas advindas da Escritura acontece, além de na pregação, no contexto da leitura bíblica pessoal. A norma não é entendida tanto como lei, mas como orientação evangélica, espelho e regra para a edificação do crente. Spener fala da postura e dos deveres dos renascidos. Os deveres evangélicos consistem em não impedir a conversão, conservar o novo nascimento e promover a renovação da vida na prática da piedade. O valor das coisas deve ser avaliado pela medida em que estas promovem o crescimento da vida espiritual. O renascido é alguém que procura orientar sua vida na Palavra de Deus e se afastar das coisas mundanas. As “questões intermediárias”, como prazeres, luxo, comer, beber, fumar, ir ao teatro ou participar de procissões são vistas, via de regra, mais de forma negativa, embora Spener também tenha articulado, muitas vezes, diante de pessoas escrupulosas, esses assuntos de forma bem mais diferenciada. Há momentos em que é possível constatar um rigorismo moral em Spener. A tendência de afastar-se do mundo levou, em parte, a uma postura de fuga da sociedade, para buscar refúgio apenas na comunhão dos santos. Ainda assim, a separação do mundo é, para Spener, apenas relativa, pois justamente o amor ao próximo leva o cristão a ir em direção a outros. O trabalho secular era visto, bem de acordo com a tradição luterana, como lugar em que o cristão exerce a sua vocação. Ou seja: apesar do forte enfoque na piedade não-mundana, Spener soube transmitir que a sociedade é um espaço de ação construtiva do cristão. A ética dos renascidos é, para Spener, em suma, uma consequência do agir do Espírito Santo nestes.

Para ele, o tema da obediência a Deus, que deve se manifestar concretamente na fé em Cristo e no amor para com o próximo, possui lugar central

<sup>69</sup> Martin BRECHT, op. cit., p. 374s.

<sup>70</sup> Cf. Martin BRECHT, op. cit., p. 375. “Se colocarmos esta renovação debaixo do conceito de novo nascimento, então passamos ao léu da compreensão reformatória de Spener e a combinação cuidadosa entre a teologia Luterana e os elementos advindos de movimentos de piedade em sua teologia” (op. cit., p. 375).

na teologia e na ética. Quem ama o próximo, estará principalmente preocupado com a salvação deste. O cristão deve obedecer à ordem divina mediante a observância dos mandamentos, a direção do Espírito Santo, a sensibilidade para com a própria consciência. A postura ética que Spener defendia fez com que ele fosse procurado por muitos como conselheiro pastoral. Seus conselhos pastorais são caracterizados pelo fato de ele pesar conscienciosamente entre a norma e a situação, sendo que, na maioria dos casos, ele privilegiava decisões equilibradas, que primavam por fazer jus às diversas dimensões dos problemas a ele apresentados.<sup>71</sup>

A igreja cristã era, para Spener, a comunhão dos renascidos, que se encontram à caminho da renovação de vida. Estes estão cercados por uma igreja externa, composta por aqueles que não são verdadeiramente renascidos. Os pastores ou obreiros ordenados da igreja devem ser pessoas renascidas, marcadas pelo agir do Espírito Santo. A pregação, a catequese, a poimênica e a disciplina eclesiástica têm por alvo maior servir para a edificação da comunidade. Nos *collegia pietatis (ecclesiola in ecclesia)* são os crentes mesmos que tomam a palavra, de acordo com o sacerdócio geral de todos os crentes. Spener defendeu a liberdade dos leigos, perante tentativas clericais de melindrar a expressão de fé e de piedade destes. Spener não abria mão de falar da grande igreja, mas concentrou seus esforços em um cerne piedoso desta, ao qual procurava dedicar-se de forma mais intensa. Ele esperava que seria a partir deste grupo de renascidos que aconteceria a renovação da igreja.

Na escatologia, Spener esperava por dias melhores sobre a face da terra. Ele esperava um período intra-histórico, no qual haveria consolo e renovação para a igreja tentada, bem como a queda da Babel romana e a conversão dos judeus. Seu otimismo em relação às reformas da igreja era nutrido, de forma muito evidente, nesta esperança.

Se olharmos para a contribuição de Spener, como um todo, podemos dizer que sua teologia, seu programa de reformas (*collegia pietatis*) e a reforma do estudo da teologia, por ele propostos, “conduziram para que o Pietismo luterano alemão... recebesse contornos mais claramente definidos do que até então, que puderam ser desenvolvidos adiante pelas gerações que o sucederam”.<sup>72</sup> Justamente esse programa de reformas, formulado em seu escrito *Pia Desideria*, merece uma abordagem mais aprofundada.

<sup>71</sup> Assim Martin BRECHT, op. cit., p. 376s.

<sup>72</sup> Martin BRECHT, op. cit., p. 378.

### III. *PIA DESIDERIA* – PROGRAMA DE REFORMA ECLESIASTICA DE SPENER

#### 1. Aspectos históricos a serem considerados

Por que Spener desejou reformas tão profundas para a igreja de seus tempos? Encontramos algumas razões na própria história da época.

a) A confrontação da igreja evangélica com o catolicismo romano (Contra-Reforma) fez com que os teólogos evangélicos se concentrassem em disputas teológicas em torno da ortodoxia da fé cristã. O interesse maior estava em defender a fé evangélica diante das heresias católicas. Havia desleixo da vida espiritual, e muitos abusos morais, além de mau atendimento às comunidades. Isso fez com que a vida espiritual das comunidades fosse desleixada, surgindo profundos anseios de mais vida espiritual nas mesmas. Que havia uma profunda sede por espiritualidade, atestam-no os muitos livros de meditações e orações publicados naqueles tempos. Para preencher essa lacuna, houve forte recepção, em muitos lugares, de literatura proveniente de escritores místicos.

b) A Guerra dos Trinta anos tinha arruinado grandes partes do território europeu, econômica e moralmente, deixando inclusive as igrejas em situações catastróficas. Já antes de Spener, houve diversas tentativas de enfatizar mais a espiritualidade e a piedade nas comunidades, mas sem grande êxito. Spener não inventou idéias totalmente novas, mas empenhou-se para que esses esforços viessem a tornar-se realidade. Para fazer frente à miséria pública e espiritual, Spener investiu, acima de tudo, nos próprios pastores, tentando conquistá-los para suas idéias de reforma. Com seu livro *Pia Desideria*, ele tinha a intenção de dirigir-se às pessoas influentes na igreja e nas faculdades teológicas. A raiz de todos os males, Spener vislumbrava na incredulidade que imperava entre os próprios pastores. Os males das comunidades tinham suas origens nas deficiências teológicas e morais dos pastores, bem como em sua falta de conhecimento bíblico-teológico e de experiência prático-comunitária.

A forte crítica eclesiástica que Spener fez, na qualidade de Pastor, pode ser entendida como uma espécie de auto-crítica proveniente do seio da própria igreja. Ele teve a sensibilidade de acolher as impressões de muitas pessoas de seu tempo e de formulá-las de forma crítica, mas pró-ativa e construtiva. Ao invés de juntar-se aos que despendiam esforços para separar-se da igreja, Spener tinha a intenção de reformá-la, conduzindo a reforma de Lutero à sua consumação. Não é a fuga da igreja que resolverá os problemas, mas o

engajamento ativo de todos os crentes a partir dos impulsos advindos do próprio evangelho de Jesus Cristo. O livro *Pia Desideria* é, portanto, o resumo de suas propostas.

## 2. As propostas de *Pia Desideria*

O livro *Pia Desideria oder Hertzliches Verlangen nach gottgefälliger Besserung der wahren Evangelischen Kirche*<sup>73</sup> mostra uma divisão tríplice bem clara. Primeiro vem uma *diagnose* da situação deteriorada da igreja.<sup>74</sup> Segue uma *prognose* de uma melhora futura,<sup>75</sup> acompanhada, por fim, de uma descrição detalhada dos *meios para realizar melhorias* na vida da igreja.<sup>76</sup> Nesse livro, encontramos as seguintes propostas concretas (meios) para a renovação da vida na igreja:

1. A Palavra de Deus deve ser pregada mais ricamente – uso mais extensivo das Escrituras.
2. O sacerdócio geral de todos os crentes deve ser fomentado e exercitado.
3. Prática e conhecimento do cristianismo.
4. Regras sobre como se portar em discussões religiosas.
5. Reforma das escolas e universidades.
6. Pregação e Edificação: direcionamento da pregação para um enfoque missionário e poimênico, ao invés de grande pompa teológica.

Em relação às duas primeiras reformas propostas, Spener remete ao próprio Lutero. Já em relação às demais, ele remete a Johann Arndt. Contudo, ele via que os pensamentos de Arndt tinham respaldo em Lutero. Por essa razão, depois que escreveu *Pia Desideria*, Spener sempre mencionou que seus principais mestres eram Lutero e Arndt. O remeter-se a Lutero tornou-se característica também para o Pietismo posterior.<sup>77</sup> Apesar desse recurso a Lutero, a Arndt e a pensadores ortodoxos, há dois pontos em que *Pia Desideria* vai além da tradição luterana: a) a sugestão de se criarem os *collegia pietatis*,

<sup>73</sup> Assim o nome do livro no original alemão. Utilizamos aqui a versão portuguesa traduzida por Prócoro Velasques Filho: Philipp Jakob SPENNER. *Pia Desideria. Um Clássico do Pietismo Protestante*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista 1985. Neste livro encontramos uma apresentação do livro de Spener, elaborada por Prócoro Velasques, na qual o autor situa o livro de Spener em seu contexto histórico (cf. p. 7-12).

<sup>74</sup> Cf. Philipp Jakob SPENNER, *Pia Desideria*, p. 22-47.

<sup>75</sup> Cf. Philipp Jakob SPENNER, *Pia Desideria*, p. 48-55.

<sup>76</sup> Cf. Philipp Jakob SPENNER, *Pia Desideria*, p. 56-80.

<sup>77</sup> Johannes WALLMANN, *Der Pietismus*, p. 48.

conforme o modelo encontrado em I Co 14;<sup>78</sup> b) a “esperança de tempos melhores”.

Na pesquisa científica, essas propostas de reforma de Spener são avaliadas de diferentes formas. Para alguns, Spener não ensinou nada de novo, mas apenas formulou, de forma clara e incisiva, os anseios de muitos que o antecederam (assim M. Schmidt). Novo teria sido apenas o enfoque incomum do novo nascimento, que Spener teria herdado do espiritualismo místico, fazendo com que a doutrina da justificação fosse expulsa para a periferia do seu ensino. A pesquisa recente contestou essa interpretação da obra de Spener. Ela vê a grande novidade de Spener na idéia da reunião dos piedosos (*collegium pietatis*) e na esperança quiliástica (i. é, relativa ao milênio) de tempos melhores para a igreja. Esses pensamentos ainda não existiam na Ortodoxia Luterana, por exemplo, em J. Arndt. É por essa razão que Spener é considerado, e com razão, o verdadeiro Pai do Pietismo. A referida *esperança de dias melhores para a igreja*, que caracteriza o Pietismo, Spener articula na parte intermediária de seu livro. Ele fundamenta suas esperanças futuras em promessas bíblicas sobre a conversão dos judeus (Rm 11.25s; Hs 3.4s) e a queda da Roma papista (Ap 18 e 19). Segundo Spener, o cumprimento definitivo dessas profecias ainda não havia ocorrido. Se viessem a ocorrer, então era de se esperar que a igreja tivesse dias melhores do que aqueles em que vivia.<sup>79</sup> Todo empenho pelas mudanças e pelas melhoras na igreja deveria acontecer com base em tais promessas dadas por Deus. Com isso, Spener se distancia do pensamento da Reforma e da Ortodoxia, segundo as quais os tempos do fim estariam ocorrendo no presente. Ele entendia que, antes do juízo final, ainda deveria ser esperado o estabelecimento de um reino maravilhoso de Cristo sobre a terra. Spener reavivou assim o Quiliasmo, que havia sido banido pela Ortodoxia. Ele evitou descrever o fim dos tempos, mas via-o como algo certo.

<sup>78</sup> “Für seine Idee der Sammlung der Frommen konnte sich Spener von Luther bestätigt wissen. Aber zwischen den von Spener vorgeschlagenen Erbauungsversammlungen und Luthers viel weitergehender, den Sakramentsgebrauch einschliessender ‚dritter Weise des Gottesdienstes‘ besteht keine Verwandtschaft, weder in der konkreten Form, noch in der Funktion, noch im biblischen Beleg. Der Gedanke, neben dem öffentlichen Gottesdienst besondere Versammlungen nach dem Muster von I Kor 14 einzuführen, entstammt der reformierten Kirche ... Speners Vorschlag der Wiedereinrichtung der apostolischen Kirchenversammlungen von I. Kor 14 ist – vermittelt durch Johann Jakob Schütz – von Labadie beeinflusst”. Assim Johannes WALLMANN, *Der Pietismus*, p. 48s.

<sup>79</sup> “... die gesamte wahre kirche werde in einen viel seligern und herrlichem stande gesetzt werden/ als sie ist”. Spener citado em Johannes WALLMANN, *Der Pietismus*, p. 47.

## 2.1 A crítica aos estamentos sociais da época

Uma das primeiras críticas que Spener articula é a crítica aos estamentos da sociedade de seu tempo, em especial, aos líderes espirituais das comunidades.<sup>80</sup> Ele compara a comunidade com uma árvore, cujas folhas estão doentes pelo fato de suas raízes estarem doentes. Toda e qualquer reforma na igreja precisa começar com os pastores e líderes espirituais das comunidades. Spener criticou fortemente os colegas pastores por não se preocuparem com a sua própria vida espiritual, ou seja, não se preocuparem em viver no discipulado e em viverem a vida a partir da perspectiva da fé. E quando alguém se empenhava por isso, era visto por outros como papista ou sectário. Spener criticou a discrepância entre pregação e vida de fé dos pastores de seu tempo. Ele fez uso da distinção entre *ensino e vida*. Embora vislumbrasse na igreja luterana a doutrina correta, ele entendia que a vida dessa igreja estava totalmente deturpada. Havia uma *pura doutrina* e uma *vida impura*. Aos pregadores faltava a fé autêntica. Tomando como base o Prefácio de Lutero aos Romanos, no qual Lutero afirma que a fé é algo vivo e operante, Spener exigia, acima de tudo, que a fé tivesse como implicação os frutos de uma vida conduzida pelo Espírito Santo. Com seus enfoques, Spener se distinguiu claramente dos Enthusiastas de seu tempo, que viam que a vida deturpada era conseqüência de um ensino deturpado. Ele sempre se posicionava no fundamento da doutrina luterana da justificação forense do Livro de Concórdia. Da mesma forma, distanciou-se do Donatismo, que, segundo ele, fazia a efetividade do ministério depender diretamente da piedade e santidade da pessoa oficiante.<sup>81</sup>

Spener criticou severamente a falta de fé autêntica nas comunidades. Bebedeira, processos judiciais, negócios ilegais, opressão dos pobres e vida desregrada marcavam, entre outros, a vida do povo eclesiástico. O amor ao próximo não era praticado. Havia uma compreensão da efetividade do sacramento *ex opere operato*. Spener, apesar de articular essas e outras críticas, distanciou-se do Espiritualismo místico de seu tempo, que declarava ser a igreja a grande “Babel” e conclamava as pessoas a abandonarem a igreja. Para ele, a Babel de seu tempo continuava a ser Roma. Contudo, ele via que a igreja luterana ainda não havia saído completamente do seu cativeiro babilônico, como Lutero o havia desejado.

<sup>80</sup> Cf. Philipp Jakob SPENER, *Pia Desideria*, p. 22-47. Spener coloca esta primeira parte sob o seguinte título: “Aspectos da situação da Igreja Evangélica”, destacando a “corrupção do estamento político” (p. 25s), a corrupção do estamento eclesiástico (p. 26-35) e a corrupção do laicato (p. 35-47).

<sup>81</sup> Johannes WALLMANN, *Der Pietismus*, p. 46.

## 2.2 A pobreza de espírito da igreja e de seus líderes

A crítica eclesiástica de Spener é dura e afirma, em especial, que o que impera entre os líderes espirituais de seu tempo é aquilo que ele chama de pobreza de espírito (*Geistesarmut*). Essa crítica é partilhada por todos os pais do Pietismo, nas diferentes épocas – assim Franke, Bengel, Oetinger e o Pietismo de Herrnhut, por exemplo.<sup>82</sup> Todos eles criticam – e Spener é o primeiro a erguer a voz de forma mais articulada – um cristianismo nominal e costumeiro praticado pelo povo evangélico. Eles reclamam de uma teologia sem espírito, marcada unilateralmente pela disputa teológica e por conflitos confessionais, em detrimento dos anseios reais das comunidades. Spener não desmerece a polêmica e nem o ensino sobre os papistas, os reformados, os anabatistas e os hereges, mas entende que essa polêmica não pode ocupar o centro da pregação na igreja. O que importa é que as pessoas sejam auxiliadas e ensinadas a viver no discipulado de Cristo.

Por outro lado, Spener também desmascara uma série de interesses que moviam os pastores de seu tempo, como a luta para atuar em igrejas mais ricas, o empenho por obter promoções, bem como por fazer pregações curtas e “comer lingüicinhas longas” nas casas – assim a expressão da linguagem coloquial, utilizada por ele, para denotar visitas longas e interesseiras. O principal problema da maioria de seus colegas pastores era, segundo Spener, a falta de fé autêntica. Por isso, imperava uma grande miséria e uma imensa pobreza espiritual. Faltava o agir do Espírito Santo. Embora Spener não fale que é necessário orar em línguas ou algo similar, ele está convicto de que o Espírito Santo age na igreja e que ele pode transformar a vida da igreja. Ele conclama para que as pessoas dêem espaço para o agir do Espírito em seu meio. Ele pensa no Espírito Santo que está ligado com a Palavra da Escritura e age por meio desta Palavra. Dessa forma, somente quando a Palavra for distribuída de forma mais ampla, haverá um agir mais amplo do Espírito de Deus.

## 2.3 A reforma do estudo da teologia, bem como das escolas e universidades

Outro aspecto importante de seu programa de reformas atinge o próprio estudo da teologia,<sup>83</sup> pois foi este que moldou os pastores em uma determinada forma de pensar e trabalhar. Spener exige que o estudo da teologia apresente uma união mais profunda entre o conhecimento e a práxis, a fim de

<sup>82</sup> Cf. Johannes WALLMANN, *Erneuerung*, p. 18s.

<sup>83</sup> Cf. Philipp Jakob SPENER, *Pia Desideria*, p. 67-75.

que, durante os estudos, a vida espiritual seja cultivada e fortalecida.<sup>84</sup> Ele exige que em todas as faculdades uma vida acadêmica anticristã seja deixada de lado. As faculdades devem tornar-se oficinas do Espírito Santo. Os professores deveriam ser um exemplo na fé para seus alunos, pois os estudantes aprendem mais pelo exemplo do que pelo ensino.<sup>85</sup> Spener está convicto de que a teologia é um hábito prático, i.é., uma postura que conduz para a prática da fé e da vida cristã.<sup>86</sup>

“As pessoas vocacionadas para o pastorado devem tornar-se disponíveis e serem encaminhadas para as nossas escolas e universidades, para receberem seu treinamento”.<sup>87</sup> Cada estudante deveria ser ensinado de forma especial nas áreas em que possui dons.<sup>88</sup> As disputas teológicas devem ser conduzidas em língua alemã e, quando desnecessárias, evitadas.<sup>89</sup> As prédicas não deveriam ser no estilo rococó/barroco de seu tempo, cheias de floreios e versos poéticos, mas ser missionárias e pastorais. Elas não devem ser, em primeiro lugar, esteticamente bonitas, mas estar a serviço do fortalecimento da fé. Ele sugere que cada estudante tenha um mentor espiritual, que acompanhe o estudante em seus estudos e zele para que faça progressos. Ele sugere que também os estudantes participem dos pequenos conventículos (*collegia pietatis*) que propõem como modelo de renovação da vida comunitária.<sup>90</sup> Lá

<sup>84</sup> “É necessário convencer os estudantes de que uma vida santificada é tão importante quanto senso de responsabilidade e dedicação aos estudos” (op. cit., p. 68). “Os estudantes devem ser lembrados constantemente de que a regra da vida humana é: ‘quem melhora no aprendizado e piora na moral, mais piora do que melhora’”. (p. 68).

<sup>85</sup> “Professores têm a obrigação de desempenhar papel importantíssimo, por seus exemplos (sem isso, dificilmente uma verdadeira reforma será alcançada), como homens que morreram para o mundo, não buscam a glória pessoal, o lucro e o prazer, mas a glória de Deus e a salvação daqueles que os cercam. Todas as suas atividades docentes, tais como estudos, produção de livros, aulas, conferências, polêmicas, etc., devem subordinar-se àquele objetivo”. (Op. cit., p. 68).

<sup>86</sup> “Os estudantes de teologia precisam ter bem claro em suas mentes que, durante seus anos de estudos, devem morrer para o mundo e viver como exemplos para os seus rebanhos. ... Seria muito bom se os professores observassem não apenas os estudos, mas, também, a vida de seus alunos e, de tempos a tempos, conversassem com os mais necessitados. Aqueles estudantes que, embora aplicados, se destacam pelo mau comportamento, demonstrando viver de acordo com o mundo e não de acordo com Cristo, precisam ser severamente advertidos por seus professores de que as suas boas notas não impedirão sua eliminação na universidade.” (Op. cit., p. 70).

<sup>87</sup> Philipp Jakob SPENER, op. cit., p. 67.

<sup>88</sup> “Seria importante que cada professor usasse sua capacidade para decidir que estudos seriam mais úteis a cada um de seus alunos, levando em conta seus dons intelectuais, sua região de origem, seus objetivos profissionais etc.” (Op. cit. p. 71).

<sup>89</sup> Cf. op. cit., p. 71s.

<sup>90</sup> Op. cit., p. 75.

eles devem exercitar seus dons e aplicar desde cedo seus conhecimentos.<sup>91</sup> Como estudantes, eles devem perguntar-se, sempre de novo, se estão experimentando crescimento espiritual. E, acima de tudo, o Espírito Santo deve ser visto como o verdadeiro mestre e professor na teologia. Segundo Spener, a reforma do estudo da teologia é um importante pressuposto para que as demais reformas possam acontecer.

#### 2.4 Os *collegia pietatis* como impulso decisivo para a renovação da igreja

A principal proposta da igreja de seu tempo, nós podemos vislumbrar naquilo que Spener chamava de *collegium pietatis* (Encontros da piedade). Já 5 anos antes de escrever *Pia Desideria*, Spener havia criado, juntamente com alguns amigos, tais círculos, que não eram vistos como substituição, mas como complementação aos cultos dominicais. Por essa razão, esses grupos também eram chamados de *ecclesiola in ecclesia*. O objetivo principal era o do fortalecimento da fé e da vivência da comunhão.<sup>92</sup> Historicamente falando, os *collegia pietatis* foram a primeira forma de encontro público dos cristãos a ser permitida pela igreja, fora do culto oficial. É possível afirmar, inclusive, que a criação dos *collegia pietatis* de Frankfurt, no verão de 1670, e que a publicação do livro *Pia Desideria*, em 1675, representam os marcos oficiais e públicos mais evidentes do surgimento do Pietismo como *movimento de renovação religiosa*.<sup>93</sup>

Nesses círculos, via de regra, não era a Bíblia que era lida, mas algum escrito de edificação espiritual. Sobre o texto lido, havia um diálogo – e esta era uma forma absolutamente nova para a época. O diálogo acontecia conforme algumas regras. Lá havia espaço para o leigo contestar e questionar o

<sup>91</sup> “... treine-se o estudante a instruir os ignorantes, confortar os enfermos e, especialmente, a preparar bons sermões”. (op. cit., p. 75s).

<sup>92</sup> Philipp Jakob SPENER, *Pia Desideria*, p.57s: “Além de nossos costumeiros cultos, outras reuniões seriam realizadas, como o apóstolo Paulo as descreve em I Coríntios 14.26-40. Ninguém se levantaria para pregar, mas aqueles abençoados com dádivas e conhecimentos podem falar e apresentar opiniões piedosas, fazendo sugestões a serem eventualmente discutidas por todos. Contudo, isso deve ser feito em ordem, para evitar tumulto e confusão. Os diversos pastores do local têm a obrigação de estar presentes à reunião, ou, pelo menos, alguns irmãos mais instruídos nas letras sagradas, reunidos sob a liderança de um pastor piedoso, a fim de aumentar seus conhecimentos das Escrituras. Lendo-as juntos e discutindo fraternalmente o sentido de cada verso, serão capazes de nele discernir seu significado e utilidade para a edificação de todos. Aqueles que não estiverem satisfeitos com a compreensão da matéria, poderiam expressar suas dúvidas e pedir mais explicações. Esperam-se grandes benefícios dessas reuniões. Os pastores conhecerão melhor os membros de sua comunidade, suas fraquezas e crescimento nas doutrinas da piedade”.

<sup>93</sup> Assim Johannes WALLMANN, *Der Pietismus*, p.37.

teólogo, pois todos eram irmãos e irmãs. Tudo se orientava na idéia do sacerdócio geral dos crentes. A distinção vigente entre “religiosos” e “leigos”, Spener entendia ser uma recaída no Papismo medieval católico-romano. Todos os cristãos são sacerdotes (1Pe 2.9). Para Spener, depois dos pastores, era necessário justamente que os leigos das comunidades passassem por reformas. A renovação da igreja somente poderia acontecer onde houvesse leigos engajados por ela. Dessa forma, tais círculos ou grupos de comunhão acabavam por exercer uma função missionária dentro da própria comunidade e igreja.

Um aspecto muito importante desses grupos de comunhão era que eles não formavam um grupo de elite ou uma sociedade fechada. Eram abertos a todos aqueles que se interessassem em saber mais sobre a Bíblia e as coisas da fé cristã. Também isso foi inovador para a época, pois a sociedade estava fortemente constituída em camadas sociais rígidas que não interagem. Nos conventículos de Spener, contudo, esse esquema rígido foi rompido, cedendo lugar a relações sociais entre pessoas de diferentes segmentos, que em nenhum outro lugar poderiam ter oportunidade de se encontrar, a não ser ali. Nesse sentido, os *collegia pietatis* tiveram forte impacto social. Para o Pietismo, como movimento, isso foi especialmente relevante, pelo fato de o Pietismo não ter sido um movimento vinculado a apenas uma classe social, mas ser aberto e atuante em meio a diversas classes sociais. Os *collegia pietatis* tiveram tanto uma relevância missionária quanto social. Que os leigos, indistintamente de sua classe social, tivessem tal relevância para a vida comunitária, é um dos grandes méritos do Pietismo.

Os grupos de comunhão tiveram grande procura desde cedo. Também desde cedo, registra-se o perigo que iria marcar toda a história do Pietismo até hoje, a saber, que esses conventículos traziam a tendência de acabarem se isolando da igreja. Inclusive em Frankfurt houve grupos de pietistas que se separaram da igreja.

Há um outro detalhe interessante que precisamos observar. Sempre se afirma que o Pietismo é um movimento basicamente de leigos. Isso não confere no caso dos *collegia pietatis*, pois estes foram iniciados por pastores que, por sua vez, abriram amplos espaços para o desenvolvimento dos leigos. O Pietismo é um movimento que, desde o início, foi marcado tanto por teólogos quanto por leigos.

## 2.5 A centralidade da Bíblia para a renovação da igreja

Todo o programa de reformas de Spener não pode ser compreendido sem nos darmos conta de que a Bíblia ocupa um espaço privilegiado nesse programa.

Spener criticava que, em seu tempo, a leitura bíblica estava demasiadamente limitada às perícopes indicadas para os cultos, e como resultado disso, muitos trechos nunca eram lidos ou abordados pelos cristãos. Ele exigia que *toda* a escritura (*tota scriptura*) fosse conhecida pelo cristão. Spener não pleiteava, em primeiro lugar, que cada pessoa tivesse uma Bíblia e a lesse toda para si mesma. Antes, fez uma série de sugestões: a) o pai de família deve fazer diariamente a leitura de um trecho da Bíblia; b) as comunidades devem oferecer momentos de leitura pública da Bíblia para os analfabetos; c) as comunidades devem criar círculos, nos quais a Bíblia é lida e interpretada comunitariamente (*ecclesiola in ecclesia*). Na medida do possível, todos os membros da família e todos os cristãos devem ler a Bíblia.

Essa exigência de Spener marcou profundamente a piedade pietista através dos séculos. A Bíblia foi sempre novamente colocada no centro de todas as atenções. O Pietismo tornou-se, assim, um movimento profundamente bíblico. Segundo a pesquisa, antes de Spener, ninguém havia dado tanta ênfase na Bíblia como ele e o Pietismo o fizeram. Já Lutero havia enfatizado a centralidade da Bíblia e se empenhado para que esta se tornasse acessível à população, mediante a tradução para o alemão. Ainda assim, não há registro de grande empenho pela leitura da Bíblia. O maior empenho de Lutero estava voltado para o Catecismo, pois, para Lutero, o Catecismo é a Bíblia dos leigos, pois nele encontram uma síntese do ensino bíblico. Ou seja, com a sua exigência de que todos os cristãos deveriam ler toda a Bíblia, Spener foi absolutamente revolucionário, indo muito além daquilo que o próprio Lutero propôs para sua época. No Pietismo, a Bíblia foi, desde o princípio, muito mais importante que o Catecismo, embora este não tenha sido, de forma alguma, desprezado. O Catecismo pode auxiliar a entender a Bíblia, mas ele não a substitui.

Essa insistência foi tão forte no Pietismo, que A. H. Francke, por exemplo, não a restringiu somente aos adultos, mas estendeu-a também às crianças: também elas deveriam ler toda a Bíblia. J. A. Comenius foi mais moderado: ele exigia que as crianças lessem apenas trechos com histórias selecionadas. Que a Bíblia adquiriu, portanto, tal centralidade na vida cristã, é visto hoje como reconhecido mérito do Pietismo, a começar pelo próprio Spener. Foi no contexto do Pietismo que surgiram diversas traduções da Bíblia. Francke fundou a *Hallesche Bibelanstalt* (Entidade Bíblica de Halle). Nas reformas da Universidade de Halle, a Bíblia recebeu um lugar todo especial na ciência teológica. Bengel, mais tarde, foi um dos primeiros a preparar uma edição crítica do NT, a partir dos melhores originais gregos. É por influência do Pietismo que se tornou obrigatório, aos estudantes de teologia, o aprendizado

das línguas originais (grego e hebraico).

*O Pietismo entrou na história da igreja, dessa forma, como um movimento da Bíblia.* Ele insistiu que todos os crentes lessem toda a Bíblia e insistiu que os cursos de teologia tivessem nela novamente o seu objeto principal de estudo.<sup>94</sup>

## 2.6 A relevância do Espírito Santo na renovação da igreja

Spener partilhava a firme esperança de que, no futuro, a igreja seria melhor do que ela era em seus tempos. Segundo ele, quando os empecilhos humanos fossem removidos, o Espírito Santo poderia ocupar um espaço mais amplo. Além disso, ele se fiava nas promessas de Deus, de que, em sua época, eventualmente aconteceria um grande derramamento do Espírito de Deus. Ele cria que dias melhores viriam para a igreja, ainda aqui neste mundo.

Para que o Espírito Santo pudesse promover uma renovação na igreja, Spener via como fundamental que os cristãos também permanecessem na igreja e não fundassem nenhuma nova. Para ele, o Espírito iria renovar a igreja a partir da leitura e da divulgação da Palavra. E, além disso, ele vislumbrava um agir visível do Espírito no fato de que pessoas de tantas diferentes camadas sociais estavam se reunindo nos seus conventículos. Da mesma forma, Spener vislumbrava o empenho social dos pietistas como sinal do agir do Espírito. Pietistas se engajaram, desde cedo, pelas pessoas marginalizadas que viviam em suas localidades. Em Frankfurt, onde Spener morava, foram fundados, por influência de pietistas, casas para pessoas pobres e outras instituições de ajuda social. Assim, os *collegia pietatis* se entendiam como cerne da vida da própria comunidade, a partir dos quais partiam impulsos tanto para a renovação da igreja quanto para a renovação da própria sociedade. E tudo isso Spener enxergava como parte do agir do Espírito.

Este, segundo Spener, não acontecia em meio à gritaria, danças e beijos, mas de forma sóbria e não-espetacular. Embora alguns dos participantes do *collegium pietatis* de Spener tenham rompido com a igreja, juntando-se a círculos entusiastas em torno de Jean de Labadia, aqueles que permaneceram com Spener eram extremamente sóbrios. De forma geral, o Pietismo alemão sempre foi mais fechado para tais experiências entusiastas, que encontraram na Inglaterra um solo mais fértil.

Spener não identificava o agir do Espírito em experiências estáticas, mas em impulsos que o Espírito impregna no interior do crente. Sempre que

<sup>94</sup> Cf. Traugott MESSNER, *Die Reformation*, p. 44ss.

uma pessoa se sente tocada por uma pregação, motivada a mudar sua vida, a abdicar das coisas do mundo e obedecer a Deus, está ocorrendo, conforme Spener, um agir do Espírito. Este não é algo necessariamente visível, como o falar em línguas ou o êxtase, mas é um acontecimento basicamente do interior da alma humana. Vemos, dessa forma, que a pessoa do Espírito Santo recebe uma ênfase especial no Pietismo, sem que essa ênfase descambasse para o Espiritualismo de cunho carismático, do qual Spener desde cedo se distanciou.<sup>95</sup>

## 2.7 A ênfase na santificação

Outro dos grandes enfoques encontrados em Spener é o do novo nascimento em sua conexão com o crescimento espiritual e com a santificação. Se a fé quer permanecer saudável, deve crescer. Segundo ele, em toda pessoa que se abre ao agir do Espírito e ouve o chamado de graça na pregação, ocorre uma grande mudança de vida (*Umbruch*).<sup>96</sup> Deus liberta a pessoa da escravidão pelo inimigo. A pessoa nasce de novo, experimenta a conversão. Spener remete, neste contexto, para o escrito de Lutero, *De servo arbútrio*, segundo o qual o ser humano é um animal de montaria, que, ou é cavalgado por Deus ou pelo Diabo. O convertido é uma pessoa que passou a ser animal de montaria de Deus. Por isso, o novo nascimento significa mudança de senhorio e renovação da pessoa. A conversão, respectivamente o novo nascimento, é um ato único na vida da pessoa, mas deve ser, ao mesmo tempo, vivenciada diariamente, não por forças próprias, mas a partir das novas forças que Deus presenteou à pessoa.<sup>97</sup> A nova vida é algo no qual se trabalha diariamente, sendo necessária a auto-observação e o autocontrole. A pessoa sempre deve analisar como ela se encontra perante Deus.

Nesse sentido, conforme T. Messner, o novo nascimento não é compreendido por Spener como uma espécie de escada celestial de santidade, na qual o ser humano constantemente sobe e se torna melhor. Também não é um processo místico de auto-realização humana. O nascimento interior, espiritual, é visto como obra exclusiva de Deus no crente, que não pode ser definida necessariamente em uma data específica e nem se encontrar em tensão com a dádiva de Deus no batismo. O "novo nascimento não é a anulação do batismo, mas o batismo é evento objetivo daquilo que é realizado de forma subje-

<sup>95</sup> Cf. Traugott MESSNER, *Die Reformation*, p. 47ss.

<sup>96</sup> Cf. E. BEYREUTHER, *Geschichte*, p. 85.

<sup>97</sup> Id., *ibid.*, p. 85.

tiva no ser humano, por Deus, no novo nascimento”.<sup>98</sup>

A posição de Spener é, portanto, bem diferente daquela defendida em seu tempo pelo assim denominado *Neostoicismo* e pelo movimento do *Realismo Pedagógico*, que entendiam que a santificação do crente acontecia a partir de forças e empenho humanos.<sup>99</sup> Embora muitos críticos de Spener o tenham acusado, por causa de seus enfoques na necessidade de santificação, de ser defensor de um perfeccionismo e entusiasmo na santificação, Spener manteve-se, via de regra, distante de tal concepção.<sup>100</sup>

<sup>98</sup> “Wiedergeburt versteht Spener ... nicht als eine Art Himmelsleiter, auf der der Mensch stets nach oben steigt und dabei immer besser wird, und eben nicht als einen mystischen Prozesse der Selbstfindung oder Selbstverwirklichung. Mit der Bezeichnung ‚innere Geburt‘ soll die Aktivität Gottes an diesem Akt betont werden, ohne diese auf ein bestimmtes Datum festzulegen oder als Gegensatz zum Geschenk der Taufe zu verstehen. ... So gesehen ist die Wiedergeburt nicht die Aufhebung der Taufe, sondern die Taufe ist der objektive Vorgang dessen, was in der Wiedergeburt subjektiv im Menschen durch Gott geschieht”. Assim Traugott MESSNER, *Die Reformation*, p. 51. Tradução: “Spener entende novo nascimento ... não como uma espécie de escada que sobe ao céu, na qual o ser humano constantemente esteja subindo e, desta forma, se tornando melhor, e nem tampouco como um processo místico do auto-encontro ou da autorealização [da pessoa]. Com a designação ‘nascimento interior’ a atividade de Deus deve ser enfatizada neste ponto, sem que esta seja fixada em uma determinada data ou compreendida em contradição ao presente do batismo. ... Visto desse modo, o novo nascimento não representa a supressão do batismo, mas o batismo é o evento objetivo daquilo que ocorre no novo nascimento de forma subjetiva no ser humano por ação de Deus”. Assim também E. BEYREUTHER. op. cit., p. 85. Diferente é a posição de August H. Francke, que *esquemmatizou* a conversão, a qual seria composta dos seguintes elementos: a) luta interior de arrependimento (Busskampf); b) a irrupção da graça; c) lágrimas; d) ataques de medo e e) lágrimas de alegria. Em Francke, mostra-se um problema fundamental do Pietismo: experiências espirituais individuais de pessoas são transformadas em critério para avaliação de outras pessoas. A experiência individual é indevidamente generalizada. O perigo é o de que surjam, dessa forma, experiências forçadas ou artificiais, para que a pessoa corresponda ao esquema de conversão proposto (cf. Traugott MESSNER, *Die Reformation*, p. 53).

<sup>99</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 86: “Die realistische Tendenz des Pietismus ist also keineswegs dem pädagogischen Realismus identisch, weil alles aus der Kraft Gottes getan wird”. Tradução: “A tendência realista do Pietismo não é de forma alguma idêntica ao Realismo Pedagógico, porque tudo é realizado a partir das forças de Deus”.

<sup>100</sup> “Wird das gesamte Schrifttum Speners in den Blick genommen, muss man von dem Urteil der ‚Überfremdung des lutherischen Ansatzes‘ durch ‚spiritualistische Elemente‘ und ‚mystisch-schwärmerisches Gedankengut‘ Abstand nehmen. Dieses Urteil lässt sich nur halten, wenn nur auf wenige Schriften und Äusserungen Speners Bezug genommen wird und sie nicht im Zusammenhang gesehen werden”. Assim Traugott MESSNER, *Die Reformation*, p. 52. Tradução: “Se a totalidade dos escritos de Spener for levada em conta, teremos que nos distanciar do julgamento de que haja uma ‘modificação/alienação do modelo luterano’ por meio de ‘elementos espiritualistas’ e ‘pensamentos entusiástico-místicos’”.

### 3. Observações conclusivas sobre o programa de reformas de Spener

Em relação aos Pietistas radicais, que vieram mais tarde, alguns até discípulos de Spener, ele mesmo defendeu reformas moderadas. As estruturas da igreja permanecem intactas nessa proposta. O regimento eclesiástico (*Landesherrliches Kirchenregiment*), a teologia universitária e o ofício da pregação (ministério eclesiástico) são criticados em sua corrupção, mas não questionados quanto à sua existência. As reformas pietistas devem ocorrer dentro das estruturas existentes, devendo ser criadas, no máximo, algumas estruturas complementares (cf. os *collegia pietatis* ou *ecclesiola in ecclesia*). As exigências de Spener não são tão radicais quanto as de alguns ortodoxos. Contudo, Spener abdica de fazer uso do poder eclesiástico e civil para impor mudanças. As reformas não devem começar pelas periferias, pelos pagãos e incrédulos da igreja, mas no centro desta, nos pastores, líderes e cristãos autênticos. Se as lideranças puderem ser alcançadas, haverá possibilidade de, eventualmente, transformar a vida dos que parecem estar perdidos.<sup>101</sup> Nesses enfoques, podemos enxergar perspectivas que poderiam nortear de forma decisiva o Pietismo luterano atual.

## IV. A ATUALIDADE DO PROGRAMA DE SPENER – AVALIAÇÃO CRÍTICA

### 1. Alguns questionamentos a Spener

Spener levantou uma série de questionamentos críticos em relação à igreja de seu tempo. A identificação e o diagnóstico de tais situações não-condizentes com o evangelho conduziu muitos pietistas ao orgulho espiritual, a sentirem-se melhores que outros e a caírem no extremo do legalismo e do perfeccionismo. Spener nem sempre enfatiza tal cuidado suficientemente. A dimensão da santificação tende, por vezes, a ser isolada do fundamento da justificação. A ética tende a ser uma ética de gueto cristão. Há determinadas tendências de fuga e isolamento do mundo. O valor da ação humana em prol da vivência ativa de sua *praxis pietatis* tende a ser hiper-dimensionado. Questionável, em Spener, é se de fato podemos esperar dias melhores para a igreja cristã antes da volta de Cristo. Será que não há uma visão demasiadamente idealizada e utópica da igreja? Será que a realidade de uma igreja constantemente militante é suficientemente reconhecida? Não estaria por detrás dessa esperança o germe de um perfeccionismo eclesiástico que tantas vezes

<sup>101</sup> Cf. Johannes WALLMANN, *Der Pietismus*, p. 50.

se revelou ser pernicioso à igreja, colocando-a diante de ideais de fato inalcançáveis e conduzindo muitos cristãos ou à hipocrisia ou ao desespero?

A despeito dessas e de outras críticas que podem ser feitas a Spener – críticas estas que podem e devem servir de motivação à autocrítica dos representantes do Pietismo de todos os tempos –, indubitáveis são, por outro lado, os desafios diante dos quais a igreja cristã da atualidade é colocada ao estudar a vida e ler obras de Spener. Pode-se aprender dele todo um programa de constante reforma para a igreja cristã, no espírito da conhecida expressão eclesiológica da Reforma protestante: *ecclesia semper reformanda* – a igreja deve estar sempre em renovação.

## 2. *Pia Desideria* – reformas eclesiásticas como desafio sempre atual

Se perguntarmos pela contribuição de Spener para a teologia atual, e se quisermos refletir sobre essa questão de forma crítica, então deve ser registrado, em primeiro lugar, que devemos à capacidade de análise e de síntese de Spener o grande programa do Pietismo – *Pia Desideria*. Sua capacidade de analisar criticamente o passado, de captar os anseios do momento presente a partir de uma diagnose clara e de projetar desafios e prognoses para o futuro, e tudo isso a partir de uma clareza teológica proveniente de uma sólida base bíblica, fez com que ele pudesse condensar suas idéias em um *programa*, no qual também aponta os *meios* concretos necessários para a realização de reformas. Um programa abrangente para toda a igreja foi o resultado. Será que não residiria aqui um dos impulsos para o nosso tempo: seríamos capazes de elaborar uma *diagnose, uma prognose e um programa de missão e renovação da vida eclesiástica para nosso tempo, e isso a partir da situação específica de nossas igrejas?*

### 2.1 Reformas conscientes dentro da igreja constituída

Outra contribuição significativa de Spener pode ser vislumbrada no fato de ele não se iludir com a realidade da igreja, mas também não fugir dessa realidade. Sua proposta é a de dar continuidade à reforma protestante. Para Spener, a solução não residia na fundação de novas igrejas, mas na reforma e renovação da igreja existente, a partir do evangelho. Sua intenção de permanecer na igreja, apesar das deficiências desta, permitiu que muitas vezes críticas tivessem uma acolhida positiva. Fez com que fosse evitada a saída de muitos membros da igreja. Tendências separatistas puderam, em parte, ser superadas. Seu mérito foi o de ter conseguido formular as suas críticas e as críticas de muitos de forma pró-ativa, apresentando propostas alternativas e não apenas apresentando os problemas. Como alguém que se sabia inserido,

i. é, dentro da igreja, ele formulou a crítica contra a igreja de forma autocrítica, não deixando essas críticas para aqueles que já se viam “fora” da igreja. Quem se coloca fora da igreja, tornando-se crítico externo, não tem mais nada a contribuir com a igreja. Somente aquele que está inserido nela, que sofre junto as suas dores e males, tem direito à vez e voz. A postura de isolamento não coopera para a reforma da igreja, mas conduz ao separatismo. O fermento precisa estar inserido na massa, para fazer o seu efeito. Cremos que nisso Spener também serve de modelo para tempos posteriores.<sup>102</sup> Isso implica reconhecer, como Spener o fez com clareza, as bases confessionais da igreja, sem desleixar da grande tarefa de, respeitadas essas bases, colocar enfoques de piedade específicos, inovadores e renovadores da vida da igreja. Provavelmente a busca por tais espaços na missão, na evangelização, na diaconia etc., seria a contribuição específica do Pietismo para a igreja. Não há necessidade de substituição de estruturas, mas abertura para criação de estruturas complementares no espírito dos *collegia pietatis*.

### 2.2 Capacidade de perceber os desafios do momento e vislumbrar o futuro

Spener reagiu, com sua *Pia Desideria*, à situação reinante na igreja de seu tempo. A capacidade de reagir da forma correta a cada novo momento, bem como a capacidade de perceber quais são, realmente, os desafios de cada momento, são dons que Deus dá. Em sua postura, Spener serve de exemplo para as gerações futuras. Tipicamente pietista parece ser uma constante inconformidade com o *status quo* vigente na igreja, uma constante inconformidade com as coisas como estão e uma constante busca por mudanças e melhorias a partir de análises sóbrias e de reconhecimento espiritual de cada novo momento. A igreja cristã não pode engessar-se em formas passadas e obsoletas, mas deve estar atenta aos desafios do momento presente. Não pode se fixar numa só herança cultural, num só modelo tradicional de trabalho, etc. Precisa dialogar com o momento presente, com a realidade complexa da Pós-modernidade, levar em conta o pluralismo e o relativismo de nosso tempo, bem como a miscelânea religiosa e cultural do povo brasileiro. O momento presente está marcado por forte tradicionalismo, em muitas das denominações clássicas, havendo perda de membros, existência de movimentos e tendências teológicas supra-eclesiásticas disputando espaços, insegurança e instabilidade social e eclesial. A mentalidade do mercado entrou fortemente no âmbito religioso. As pessoas são marcadas por forte individualis-

<sup>102</sup> Cf. Traugott MESSNER, *Die Reformation*, p. 57s.

mo, pelo consumismo e pelo anseio em vivenciar grandes emoções a cada novo momento, por influência de meios de comunicação social. Quais as implicações que isso tem para o trabalho no Reino de Deus? Será que não temos que repensar a identidade e as estratégias de trabalho em nossas igrejas? Redefinir alvos?

Nesse sentido, o programa de reformas proposto por Spener, em seu conjunto, apresenta elementos centrais imprescindíveis para todo e qualquer empenho por mudanças na igreja. Eles não precisam ser necessariamente copiados, mas servem de inspiração para o estabelecimento de novos modelos de atuação em novas circunstâncias e lugares. Exemplos seriam os enfoques na liderança espiritual, no elemento leigo, na centralidade da Palavra, na pregação evangelístico-missionária e pastoral e no fortalecimento da comunhão cristã (*collegia pietatis*).

### 2.3 A reforma da igreja começa com o indivíduo e atinge a sociedade

Herança inalienável do Pietismo de Spener é a sua insistência na necessidade de mudança pessoal de vida, que precisa estar marcada pelo agir do Espírito Santo. A conversão tem, por sua vez, implicações práticas, frutificando no empenho pelo Reino de Deus e por diversas causas sociais. Toda esta conexão entre fé, esperança e amor, típica de Spener, é passível de ser resgatada para tempos futuros em nossas igrejas. Da mesma forma, a conexão entre evangelização e diaconia, conversão, intimidade com Deus e exteriorização do amor para com o outro, em especial, para com os necessitados e socialmente marginalizados. Também para o futuro há de valer o velho dito pietista: *Mudança do mundo a partir da mudança da pessoa*. Mudança da igreja e da sociedade devem andar de mãos dadas.

## V. CONCLUSÃO

A análise da vida e da obra de Spener revela, em última instância, que mesmo passados 300 anos de sua morte, sua contribuição para a vida da igreja cristã continua extremamente atual e significativa. Suas reflexões revelam que um dos grandes perigos da igreja, perceptível em qualquer denominação cristã, é o enrijecimento da vida comunitária, o surgimento do tradicionalismo e da ortodoxia, a cristalização de um cristianismo meramente nominal e descomprometido com a causa do evangelho de Cristo. Revelam, além disso, que a grandeza que denominamos de “igreja cristã” é, em todos os tempos, carente do que podemos chamar de “reformas”. Enquanto ela ainda existir no

mundo presente, não pode ser vista ainda como igreja triunfante, mas permanece igreja militante ou, em outras palavras, *ecclesia semper reformanda*. Programas de reforma contendo análises diagnósticas e propostas concretas de renovação da vida eclesial e do testemunho público do cristão a partir das Escrituras Sagradas, sempre de novo se farão necessários. O espírito sempre inconformado com o *status quo* eclesial, que verificamos em Spener, pode nos servir de motivação para jamais desistirmos de apresentar propostas de mudança e renovação para a igreja de nossos tempos. A solução para os problemas da igreja não reside na divisão, na ruptura, no abandono de igrejas constituídas e na conseqüente fundação de novas denominações, aparentemente mais puras e perfeitas. Até a consumação, o joio sempre permanecerá misturado ao trigo e jamais haverá igreja ou denominação que não venha a se caracterizar como *corpus permixtum* (Agostinho) – corpo misto. Nesse sentido, a obra de Spener adquire caráter profético em relação à nossa realidade brasileira, pós-moderna, atual. Não é dividindo, rompendo, esfacelando e fragmentando o corpo de Cristo que encontraremos a verdadeira igreja. Desde que haja o devido cuidado com utopias desnecessárias e irrealistas, mudanças podem ocorrer ali onde, a partir das Escrituras Sagradas, houver empenho de todos os crentes pela constante reforma e renovação da vida cristã e eclesial, no interior deste único corpo de Cristo, independente da denominação cristã na qual este se concretize e materialize. As mudanças na igreja não são primariamente filhas da divisão ou da ruptura entre as igrejas, mas filhas da *obediência à Palavra* de Deus, revelada nas Escrituras Sagradas e vivenciada pelos cristãos dentro das igrejas cristãs.